



REVISTA SEMANAL DE Critica, Politica,  
ARTES LETTRAS e COSTUMES.

DIRECTOR—MARCELLINO MESQUITA

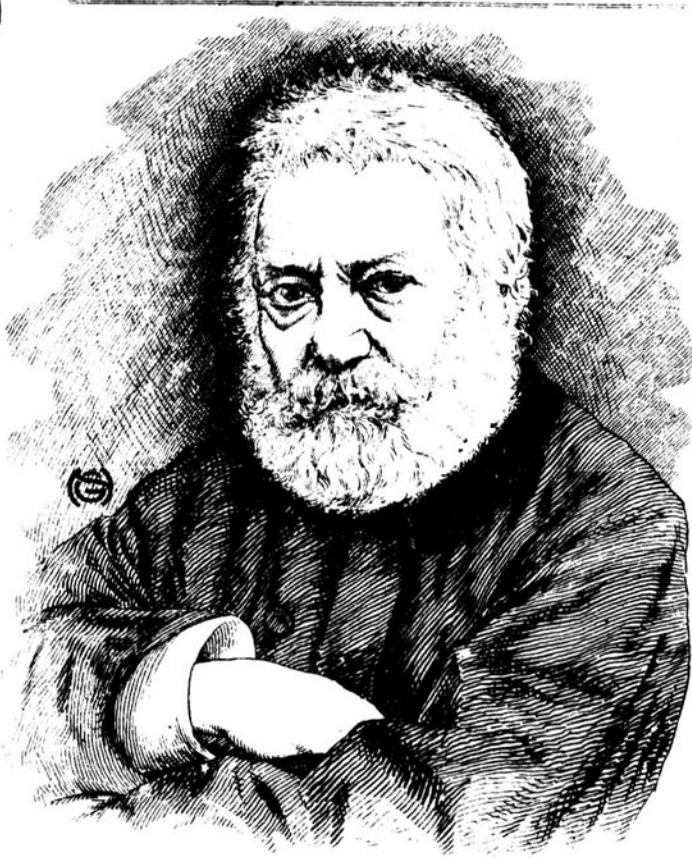
PUBLICA-SE ÀS SEGUNDAS-FEIRAS

Editor Antonio da Fonseca e Sousa      Redacção e Administração T. da Boa-Hora, 39, 1.<sup>o</sup>      Composição e Impressão Lithographia Artistica, Rua do Alameda, 32

ASSIGNATURAS (PAGAMENTO ADEANTADO)

Estrangeiro Anno (52 numeros) . . . . . 13500 reis	Lisboa, provincias e Africa Portuguesa Anno (52 numeros) . . . . . 14000 reis
Brazil Anno (52 numeros) . . . . . 23500 reis	Semestre (26 numeros) . . . . . 6500 reis
Cobrança pelo correio . . . . . 4100 reis	

Toda a correspondencia dirigida à Redacção e Administração deve ser enviada para a Travessa da Boa-Hora, 39-1.<sup>o</sup>



VICTOR HUGO



Pois, sim senhõr, acabo de lèr a descripção da festa commemorativa do nascimento de Victor Hugo, na sociedade de geographia de Lisboa. Li e gostei. Houve discurso de abertura, depois versos, depois prosa, depois mais versos, depois discurso de fechadura.

Ao mesmo tempo vi que assistiram ex-ministros, pares do reino, muitos litteratos, e o que é mais distincto e devia ter dado uma nota graciosa e poetica ao saráu, muitas damas, que o bom tom manda que fossem elegantes e formosas.

Fiquei encantado.

Uma coisa não perdemos ainda — a galanteria. Porque é para admirar como n'um paiz em que ninguém lê, ou se lê é na grande bibliotheca do rez do chão dos jornaes, haja tão vivo o amor pelas glorias das lettras estrangeiras.

Tão vivo esse amor, tão creador de enthusiasmos, que não foi possível passar o anniversario do nascimento do poeta francez, sem que a população da cidade vibrasse na anciedade de manifestar, ao mundo culto, a sua commoção profunda e o respeito que consagra á memoria d'um sujeito, com que se não importa para coisa nenhuma!

Eu não creio, nem ninguém será capaz de me fazer acreditar, que manifestações d'esta ordem obedeçam a um impulso generoso do coração, a uma necessidade expansiva de manifestar preitos e homenagens, sobretudo se essas honras se dirigem a um poeta. E a um poeta estrangeiro... de modo nenhum. O amor, o respeito, a adoração pelos grandes artistas, quando se tem, sincera, a valer, faz-se no intimo da nossa alma. Constitue um dos mais agradaveis prazeres da nossa vida conversar com elles, no templo que a nossa piedade lhe ergueu dentro de nós.

Esta razão pode parecer metaphysica; mas creio que alguns dos que me lerem o entenderão. Ora, occorre-me outra de menor nebulosidade. Não se comprehende que possa festejar sinceramente a religião senão sem um crente; a sciencia senão o estudioso; a arte senão um artista; quero dizer que a manifestação, publica, ostensiva, allí sonante, só pode ter marca que a valorize, quando uma grande sinceridade a distingue e a caracteriza.

De outro modo, não.

Victor Hugo foi, é certo, um grande poeta; mas não um poeta piegas, cantando o luar, o amor, a briza, a lagrima, o cabelo, as olbeiras, como é de uso cantarem os nossos poetas a que chamam: delicados! D'ahi, não deve ser de facil comprehensão, para senheras e para ex-ministros. Victor Hugo foi um romancista; mas os seus romances, não me parece, symbolicos e philosophicos, que tenham sido muito bem comprehendidos, por um paiz que ainda está no *Recumbolo* e no *Testamento do Gallo*. Mas dando de barato que assim seja, que todos os que la foram o tenham lido — o que é forçar muito a hypothese — resta considerar que esta festa foi promovida pelos jornalistas, agarrados aos litteratos.

Quando se cita Victor Hugo o que primeiro accorda em nós, ao ouvir este nome, é a ideia d'um revolucionario, d'um chicoteador, ao lado d'um bom, d'um Juvenal de braço com Michelet. Poeta dos castigos e do amor universal. Apostolo ferrenho da liberdade, protector dos humil-des, inimigo de preveristas e de traidores. Não é isto?

Agora veem jornalistas e litteratos portuguezes pôr-se a dizer coisas ao pé do busto d'este homem, jornalistas e litteratos d'um paiz em que não ha liberdade de fallar nem de escrever, d'um paiz de analfabetos e de despotas—ridiculos mas despotas — d'um paiz que se importa tanto dos seus homens de lettras que deixa morrer á fome, em Paris, Moniz Barreto, veem, e como havemos nós de interpretar esta homenagem, se elles não pugnam pela liberdade, pela fraternidade, porque o poeta luctou; se elles são a negação de toda a obra do artista, se elles são a contradicção flagrante, pela sua indolencia ou pelos seus interesses, de todos os altos principios que o genio de Hugo defendeu e propagou em dezenas de annos?

Porque vão, então, lá? O que vão fazer?

O que significa o preito?

Eu roservo-me o direito de o calar.

Reparae no entanto. Ha tanta verdade no que escrevo, que em tudo o que lá se disse apenas o discurso de Magalhães Lima nos interessou e prendeu. Magalhães Lima é um dilectante politico; um apostolo d'uma republica loira; mas é um bom rapaz por quem não vem mal ao mundo, e tem vindo algum bem. De resto, é um crente, sem excessos jacobinos, sem odios; mas um crente, emfim. O que elle disse teve nexos, razão de ser, propriedade e valôr?

E porquê valôr? porque se sente a sinceridade nas suas palavras. Nem mais nem menos. Tem combatido, combate ainda hoje pelas ideias do poeta francez, estava no seu logar, fallou convicto, adora o Hugo, e levou-nos para o seu lado.

Os outros que foram lá fazer? Jornalistas, em que imitamos o pamphletario e o orador politico? litteratos como seguem aquelle que fingem adorar, o que combateu a hypocrisia, o despotismo, a canalha alta?

Isto é um paiz de rosas, isto vae á maravilha, isto é um cristal da Europa? Não ha por cá, insolencias, despotismos, miserias, perseguições, crimes, a combater?

Se ha e se estas caídas, reparae que insultasteis o busto do grande poeta, a sua memoria é o seu nome glorioso e eterno!

Posteis fazer sala? galanteadores e cortezãos pensais que a Europa vos contempla! Não tem ella mais que fazer. Até n'isto vos enganasteis, amigos. Hoje o que a Europa vê cá n'este canto da Parvonía, é o vulto colossal do Hintze Ribeiro, a chymificar nos farellos do cerebro reformas e contractos de dividas.

De cá é o que lá chegou e comprehende-se: na França que festeja um genio, só podem n'este momento entrar de fóra, os genios seus irmãos: Victor Hugo, Hintze Ribeiro, o Bicha, etc.

Pois se não commovesteis a Europa, amigos, parece-me que tambem não espantasteis o paiz. Para cá desteis a impressão d'aquelles padres patuscos, que de vida airada, pregam do pulpito, dedicações e virtudes.

Como a gente ri e como sente que afinal os patricios do Hugo, tem razão nas operetas quando cantam que os portuguezes são sempre alegres.

Caloteiros e alegres; é esta a fama em Paris; mas ao menos galantes homens muito admiradores de poetas, sobretudo quando não ligam importancia nenhuma ao que elles dizem.

Caloteiros e alegres: como seria bom não juntar a estes dois, um terceiro epitheto: o de ridiculos!

Almas de eleição, contende os impelos!

Toda a gente sabe, e se o não sabe pode ficar sabendo se quizer. que eu não tenho grande sympathia pela imprensa diaria, como ella é, a quem attribuo ao lado de bens que possa ter produzido e produza uma maior infirmitade de males. Quaes elles sejam e como modificar essa imprensa a attingir um altissimo fim humanitario, era conversa para um longo serão d'inverno.

Mas ella existe como uma força enorme, no meio das sociedades modernas e possuindo, verdadeiramente um altissimo poder. Liberrima, em Portugal, ha meia duzia d'annos, é hoje uma coisa que os governos dirigem, calam, amarram, supprimem, insultam, a seu bello prazer. Fizeram para ella leis exceptionaes de rigor e de coacção; impuzeram-lh'as arrogantemente e ella... calou-se!

Caso espantoso e que depõe contra o jornalismo portuguez, tornando-o réu, digno das mais altas censuras. e dos mais irrespeitosos juizos.

Pois qué? Elle é a força, o poder, o director do espirito nacional; elle pode deruir ministerios, dissolver camarilhas, castigar insolencias, rebaixar ousadias; elle é o defensor da liberdade, o amigo do povo, o advogado da nação; a luz, o guia, e esse jornalismo que tudo diz poder, ou se arroga essa faculdade, deixa-se esmagar, ridiculizar, guiar como um cão, chicotear como um cavallo de circo? Onde está o seu poder que qualquer mediocre ministro despreza e faz abolir? Que vale então com toda a sua basofia, os seus ares de poderoso, as suas arrogancias de valor, que um misero policia atira para o barril do lixo, n'um momento de aborrecimento, ou de despeito?

Nada, absolutamente, nada.

E, todavia, vale, no dia em que quizer. Vale quanto queira, vale tudo. E, se nada vale podendo valer tudo queixa-se e indigna-se, quando se sente alvo da indifferença da maioria e do desprezo de muitos.

A imprensa diaria não é jornal A ou o jornal B; é todos os jornaes. Não é um individuo isolado, é uma collectividade: é um corpo com centenas de órgãos, com um fim, uma responsabilidade, uma honra commum: direitos eguaes, eguaes deveres.

Ha uma lei que a governa? seja. Bôa, má, despotica, vil, é a lei, *dura lex*, mas lei? sujeite se ou soffra se a consequencia de a esquecer. E' dever acabar com ella, abolil-a; mas enquanto existe, existe Um governo pode servir-se d'ella, perseguir, molestar; está bem, abra se a lucta: um d'elles deve acabar, ou a lei, ou o governo.

Mas como se comprehende que jornalistas vejam, caladamente, perseguir jornalistas insultar a instituição a que pertencem, tratat-a como a uma cõngorça a quem se permite o trafico, sem lei que o auctorize?

Pois não é confessarem ou um espirito mesquinho como d'um percevejo, ou uma fraqueza ignobil?

E' materia corrente, entre nós, nos remansos d'uma paz pôdre, a ousadia de mutilar, de apprehender jornaes, de prohibir que se diga isto ou aquillo. O mais sagrado direito, a liberdade de pensar, de escrever, deixa a imprensa que lh'o cerceiem, n'um silencio de medo ou de complicitade. O que ha, aqui, de maior, o egoismo ou a cobardia?

Que a liberdade tenha por guarda a lei, comprehendese: que tenha por carrasco, o capricho, a vingança, a estupidéz ou a maldade, é revoltante!

Esta falta de união, de solidariedade, vêem na todos os espiritos rectos, todos os homens honestos e d'ahi esse desrespeito pelo jornal de hoje em dia. Crêem no, falhando a sua missão, órgão de interesses pessoases, exclu-

sivamente; uma arma traiçoeira em vez d'um combatente leal, Tartufo que se mascara de Apostolo. Quer-se o direito absoluto de escrever e de fallar: quer-se a responsabilidade absoluta do que se disser ou escrever. Isto é que é leal, digno, proprio de homens, que possam ter esse nome. Quem não deve não teme, diz o rifão, verdade que alguns hão de sentir e outros vêr que tem, entre nós, na sua simplicidade, a energia destruidora d'um ferro em brasa.

Pois se a temem, essa imprensa, porque não ha-de ella ser uma força real, em vez de um espantinho?



N'um jornal commemorativo do 25.º anno do pontificado de Leão XIII, repositório de admirações tão respeitaveis como ôccas, de brinquedos de imaginações doentias, de phrazes empoladas d'um metaphysismo bolorento e sorna, de coisas, de lérias, de reliquias; reliquias de idéas, de pensamentos, de concepções, de aphorismos, de subtilezas mystico-arunchosas, encontron o meu espirito uma pançada de riso, como de outra se não gabou depois d'O Outro Eu no D. Amelia.

O numero é grande no formato, como competia á celebração de facto de tanta magnitude, como é o de Leão XIII, ser papa ha vinte e quatro annos, tendo sido eleito a 20 de Fevereiro de 1878!

E' de entupir.

Com que então Leão XIII é feito papa a 20 de Fevereiro de 1878 e tendo vivido, até hoje, governa a igreja ha vinte e quatro annos?

Mas é estupendo?

Uma coisa assim, que me recorde, só podia ter acontecido com o amigo Banana, da cançoneta, que morreu aos sessenta annos e que:

Se consegue viver mais dez annos  
Só morria depois dos setenta!

Se Sua Santidade — que Deus avivente — vive mais dez annos, imagine-se o que não será na Christandade! Não-de vêr todos que o fino e sympathico pontifice governará a igreja trinta e quatro annos! Será phenomenal!

O jornal, disse eu, é grande, não deixando nunca de ser curioso, em extremo. No lugar d'honra do jornal está o retrato, sentado, de Leão XIII com uma boa phisionomia de velho intelligente, e um sorriso ironico a flor dos labios, que me parece dirigir se á collaboração do jornal. Depois veem prosas e versos.

A ceára é ampla. Respiguemos.

Diz um collaborador, por exemplo:

«Tres sanctuarios ha no mundo, que desde o principio do actual Pontificado reclamavam sabias providencias.

O sanctuario da familia, o sanctuario da escola, o sanctuario do trabalho. Leão XIII privilegiou-lh'as do melhor grado; foi para cada um com effeito *Lumen in caelo!*

Na familia o divorcio prostituia a sanctidade do matrimonio.

Na escola a incredulidade elevava de impio scepticismo a sciencia.



COMEDIA PORTUGUEZA  
PRELIMINARES DO DUELLO



Testemunha civil: — A qualidade da offensa determina a escolha das armas...  
Testemunha militar: — Certamente!... Elle chamou-lhe boi... as armas estão indicadas...

No trabalho a rebellião armára a mão calejada do operario, que tentando assenhorear-se do capital, amesquinhava mais seus modicos salarios.

A todas estas profundas chagas sociaes applicou Leão XIII efficazes remedios.

Vejamos como.

«Assegurou na Encyclica *Arcanum* a indissolubilidade do vinculo conjugal e a dignidade do sacramento, que na lei da graça é inseparavel do contracto matrimonial.»

Prompto! e, nunca mais houve divorcios, os homens nunca mais deixaram as mulheres e a familia ficou essa belleza que os senhores estão vendo, por esse mundo.

Qual o remedio com que o Pontifice fez que os rapazes que estudam anthropologia vissem bem a origem *bur-renta* do homem? com que os que estudam astronomia vejam como o Josué governava o Sol d'aquelle tempo, muito mais vadio que o de hoje? com que os que, estudam religiões e mythos vejam que não ha relação nenhuma entre Christo e Bacco, entre Hercules e Samsão, entre a estola dos nossos priores e a estola zodiacal dos padres das religiões orientaes, e tantos mil outros factos que podiam eivar de scepticismo impio a tunica luminosa da sciencia? Foi este:

«Na Encyclica *Aeterni Patris* tracta o itinerario seguro que a juventude deve trilhar, se na consecução da sciencia se não quizer despenhar nos abysmos da impiedade, e aponta-lhe os luminosos ensinamentos do Angelico Doutor d'Aquino, que em nada estorvam, antes auxiliam a

ampliar progressivamente os dominios da sciencia humana.»

Era uma vez a incredulidade! E o que espanta isto depois dos conselhos do Angelico Doutor d'Aquino, sobre os bacillos da tuberculose e sobre o hemorroidal?

Mestres e meninos é um encanto hoje vê-los e ouvil-os. Sabios e crentes! Uma simples euclicica, a do *Aeterni Patris*. Chucha!

Emfim, como resolveu a questão do terceiro sanctuario? Qual o remedio efficaz? Ouçamos:

«Penetrando na fabrica e nas cavidades da terra, onde numerosa população amaldiçoa a dureza do trabalho, que a deveria nobilitar, o Pontifice na sua Encyclica *Rerum novarum*, a *Magna Charta* do operariado, ensina em que consiste a verdadeira egualdade dos homens, falla ao coração do obreiro, suavisa-lhe a aspereza da condição, indica os meios praticos de soccorrer os desvalidos, robustece-lhes a crença na universal sujeição dos homens a Deus, para que esta classe credora da estima de todos, aprenda que está destinada a communicar vida e riqueza ao mundo, e não a arregimentar os sicarios da sociedade.»

E, eram uma vez revindicações, luctas, protestos. Os operarios ficaram mansos como cordeiros, os patrões soçegados como lesmas, os ares limpos como o cristal:

No Céu inteira paz  
Na Terra pleno abril.



E, nunca mais houve grêves, nem na Alemanha, nem na Belgica, e muito menos em Hespanha, onde o socego e a tranquillidade dos operarios, ultimamente, tem sido dado como exemplo para as casas de educação dos orphãos e meninas desamparadas.

Este é o processo dos catholicos: dizer, como coisa certa, provada, indiscutivel o que lhes convém e passarem adeante.

Nenhum dos problemas — chamemos assim aos faes sanctuarios — resolveu o pontifice, nem nenhum pontifice será capaz de resolver, a despeito das suas infalibilidades.

A elevação da familia só poderá fazer-se pela educação maternal; a alliança da sciencia e da crença religiosa é um absurdo inatingivel, porque são coisas que se excluem absolutamente; o proletariado, a questão social em todas as suas faces só poderá resolver-se a o cataclismo que todos sentem avizinhar-se, uma convulsão humana, uma tragedia temerosa, incalculavel!

E publicados os remedios efficazes que não remediaram coisa nenhuma seguem as larachas.

Um homem de letras dá nos o seguinte pensamento, em ares de aphoristica maxima:

«O pae que deixar no coração de seu filho o Padre Nosso, e na sua intelligencia e vontade o habito de o meditar e observar, tel-o-ha preparado para a vida—melhor do que se lhe deixar grandes riquezas, e até uma instrução vasta mas a que falte aquelle alicerce.»

Começo por não attingir como é que um pae pode deixar o padre-nosso no coração d'um filho.

Aquelle orgão não admite corpos estranhos; e, um padre-nosso, mesmo em telegramma de pombo correio é caso para embolia grave. Mas comprehendamos o que o escriptor quer dizer. O filho deve saber o padre-nosso? Não saberá g. ande coisa; mas saiba. O importante é deixar-lhe na intelligencia e vontade o habito de o meditar e observar, diz Trindade Coelho. Pois diz uma coisa que a minha amizade me leva a não classificar. A intelligencia é uma concepção abstracta: a vontade é um producto, um effeito do funcionamento cellular cerebral.

Nem a intelligencia nem a vontade podem encarregar-se de coisa nenhuma. E' attribuir, por exemplo, á luz, ao poder illuminante de uma chamma, as propriedades que pertencem ao pavio. N'estas coisas graves é preciso ser parcimonioso nas metaphoras, aliás pode dizer-se tudo o que se quer, sem dizer nada, afinal. E' bom dar ás palavras um sentido proprio, preciso e unico; aliás a ideias passar a não terem domicilio certo, e estão a reclamar Governo civil como os vadios seus irmãos.

## ENTRE DOIS LITROS



— Eu não peço muito. Só queria que o governo me desse *massa* bastante para matar a sede ao fim da minha vida...

— Esse pouco! E onde é que o governo ia buscar *massa* para isso?

Mas queiramos entender o que o escriptor quer dizer: faça-se com que o filho observe e medite o padre nosso e, ó caso estupendissimo! elle será melhor preparado para a vida do que herdando grandes riquezas, ou possuindo uma instrucção vasta—sem aquelle alicerce!

Pois um padre-nosso é esta maravilha? vale milhões? vale a sciencia humana? Quem tem um padre-nosso na caveira, tem mais dinheiro do que o Vanderbilt na burra? tem mais sciencia mais aptidões e preparo para a vida do que um Bismark, do que um Humbolt, do que um Comte ou um Spencer? Em que tempo vamos nós? Quem visse? Cezar ou João Fernandes, Pasteur ou o Menino Virtuoso? E' um escriptor, consagrado, de valór, com a auctoridade que lhe dá o seu caracter independente, que ousa arrojar á face de todo o trabalho humano, de toda a sciencia, a opinião, a sentença, de que um padre-nosso é o escarneo da riqueza e o alicerce que valorisa a instrucção ainda a mais vasta! Que barbaridade! e tão grande que sua excellencia terá por dever ensinar apenas o padre-nosso aos filhos e nada de juntar para elles e nada de instrucção, porque tudo isso será sacrificar a cabeça das creanças, inutilmente.

Um padre nosso e uma cabana... e deixar correr o marfim.

Resta-me perguntar ao Trindade Coelho para que está elle a fazer cartilhas onde se aprende a ler. Para qué? Um padre nosso aprende-se, oralmente, em trinta minutos; para que é preciso mais?

Se houvesse um ministerio publico do Bom Senso e eu fosse seu Delegado, que rico processo o meu caro Trindade Coelho tinha hoje ás costas e eu lhe diria se os padre-nossos o livravam d'uma reverendissima multa.

Nós veriamos.



## O Bicho á solta

Não se pode negar que os ultimos dias tem sido febreis em acontecimentos. A Politica deu-nos o convenio, a Litteratura deu-nos Hugo, o Tempo deu-nos inundações. Mas nem Politica, nem Litteratura, nem Tempo, conseguiram atrahir da parte do lisboeta outra cousa que não fosse um distraído olhar ou um mal reprimido bocejo. Só um nome,—um só!—occupou, na realidade, todas as attentões, creio que desde os gallegos de esquina até aos ministros de Estado. E esse nome,—quasi não o deveria dizer, ó gentes! visto que já o tendes na ponta da lingua,—esse nome, foi o do *Bicho!*

Agora mesmo, eu acabo de ler no *Seculo*, e n'uma das primeiras paginas, a noticia consoladora de que o *Bicho* não foi ainda preso. Já hontem vinha, veio hoje, e amanhã virá se, como espero, o *Bicho* não me fizer a partida de se deixar agarrar antes d'este numero da *Comedia* sair para a rua. Por este zelo de informação do grande jornal circulatório, pode se apalpar o pulso febricitante da opinião: a sua ancia, o seu interesse, a sua sympathia.

Por quem? Pela policia que diz defendel a, procurando deitar a mão ao *Bicho!* Não? pelo *Bicho.*

Pelo *Bicho!* Sim, senhores, pelo *Bicho.* E o caso explica-se, embora para o criterio da Parreirinha e da Estrella não tenha outra explicação senão a de que é uma refinadissima pouca vergonha. Está nos caracteres da raça e nos instinctos da multidão.

Isto é um publico de tonradas, e o que se está passando é uma tonrada. A differença é que, para as tonradas, se requer um nucleo destro de bandarilheiros e piadistas,—que sabem do seu officio, e n'este caso seria

levar muito longe a benevolencia ou a cegueira pretendendo equiparar, na sua especial relatividade, a destreza dos Guerritas á espezteza dos Sacarrões.

Que successo, pois? Succede que, como em todos os espectaculos de circo em que o licho se mostra mais intelligente dos que os seus perseguidores, e até do que o *intelligente* da praça, é o *Bicho* que recebe palmas e os toureiros que levam pateada. E, como tambem, remontando a antigos tempos, o gladiador que vencio os seus adversarios, com a supremacia d'essa força avassaladora que antigamente era a do braço e que hoje é a do cerebro, recebia, com os applausos do povo soberano, a vida com que elle o recompensava,—assim tambem hoje, se um plebiscito a valer se organisasse para saber a vontade publica, que enorme maioria de votos não concederia ao *Bicho* a liberdade,—ainda mais preciosa do que a vida!

E em que condições excepçionaes trava o *Bicho* esta lucta desigual! O *Bicho* não tem luz, como elle diz, porque, na sua linguagem inegavelmente pittoresca, luz é dinheiro; o *Bicho* não tem asylo: um leito trahe-o, um banco da Avenida trahe-o, a claridade do dia trahe-o; trahe-o o fato que traz vestido, trahe-o a cór dos olhos, trahe-o a cór do cabelo, trahe-o o rumor dos passos. Cada transeunte que o roça é um inimigo, cada olhar que o fita é uma ameaça. Está livre, e está preso. Não sahio de Lisboa, decerto, porque o que o salva ainda é a densa população em que se perde. Onde estiver mais só, é onde está mais cercado. As descobertas materiaes dos homens mais uteis para a sua felicidade conspiram contra elle. O telegrapho trabalha contra elle, transmittindo os seus signaes para os diversos pontos do paiz; o caminho de ferro é contra elle, aprestando-se a conduzir, em meia duzia de horas, os que se propõem restituil-o ás prisões, a qualquer sitio que elle só poderá attingir em caminhadas de dias e noites inteiras. Assim, n'este permanente alarme, o dia em sustos, a noite em sobresaltos, voltando-se a cada passo e estremecendo a cada ruido, matraqueado por todos os poderes da Legalidade e da Ordem o *Bicho* mantém em cheque todos esses poderes e, enjaulado em Lisboa, domina Lisboa pela admiração.

E que forças, as que contra elle se desenvolvem! E' a Policia, é a Administração, com recursos de toda a ordem,—dinheiro, armas, disfarces pessoal e denunciante. Estes, os mais perigosos. Quando, no largo da Graça, a mão d'um agente se abateu sobre elle, esse agente não foi mais do que um instrumento. Alguem houve,—um conhecido, talvez um antigo amigo do *Bicho*, que levou ali a policia, como quem leva um cego, e lhe poz a mão sobre o hombro do perseguido. Os jornaes o disseram: o denunciante pertencia a essa clientella de gatunos que se tornam os apreciados auxiliares da policia vendendo, n'uma faina de pequeninos Judas, os companheiros que se lhes confiam. Tudo isto tem, pois, este celebre da semana contra si, e, todavia, já lá vão uns poucos de dias, Lisboa tem sido virada do avesso, e o *Bicho* anda á solta...

Então, que diabo queriam? Que as palmas do publico fossem para os Sacarrões e quejandos? Entram na Parreirinha e a Estrella. A popularidade nunca foi para os parvos, para os ineptos e os inhabéis. N'este gatuno que faz audaciosamente *ped-de-nez* á policia, o publico vê ainda um raio de intelligencia triumphando da densa massa da Estupidez. Admira-se um velhaco, e a propria historia politica da nossa terra, nos ultimos tempos, está cheia d'esses exemplos, mas não se admira um burro. Que culpa temos nós de que o *Bicho* não seja um antigo policia secreta reformado?

VICTOR HUGO

Grande poeta francez do seculo XIX.  
A quem o leu, como creio escrever só para pessoas já no uso da razão, não posso dizer-lho mais do que elle lhes disse de si proprio, se o entenderam.  
Se o não entenderam é inutil estar com explicações



A tourada segue, — e o *Bicho* vence, quer dizer: anda á sulta, como um catita. E, apesar das indignações de Accacio, com grande satisfação geral. Eu só tenho um receio. — é que, por estes dias, uma fatalidade, d'aquellas que infligem aos Napoleões os Waterloos, o não entregue, manietado, á matilha que lhe dá caça. Mas. — convem accidental-o — receio o pelo prejuizo que isso me pode causar á actualidade d'esta chronica, escripta com alguns dias de antecipaçoão ao seu apparecimento. Quanto ao mais, não ha que temer: a policia de Lisboa não se modifica, por estes tempos mais chegados, e enquanto ella fór como é, o *Bicho* ha de raspar-se. Eu cá sou como o Zé: creio no *Bicho*.

YERMA.

GAZETILHA

Um cabudito, de canna,  
Ou de caniço, delgado;  
D'uma banda, um buraquinho,  
Da outra, todo tapado:

Cheio de polvora fina,  
Comprimida, a rebentar,  
E', como todos o sabem,  
A bicha de rabear.

Chegado o lume ao ouvido,  
Larga um fogacho luzente,  
E, ella ahí vai, como doida,  
Por entre as pernas da gente.

Curveteia, salta, roja-se,  
Sobe aqui, desce acolá...  
Corre se atrás a apanhal-a...  
Estava aqui, foi se, não está!

Do outro lado, em 'spiral,  
Despeja doirada fita...  
Outra vez se corre... agarra...  
Foi-se, de novo, a catita.

Subito, salta, encastella,  
Sobe onde nunca subiu,  
Corre-se ainda uma vez...  
Sumiu se, não mais se viu:

Uma tal *Bicha*, conhecido  
Hoje de toda a cidade:  
Que foge dos ferros d'El-Rei  
Com toda a facilidade:

Tem feito andar a policia,  
Toda a policia que ha,  
N'uma vertigem de caça,  
Piha aqui, piha acolá.

Mas ao julgal-o apanhado,  
Na rede que ella lhe fez:  
O *Bicha* desaparece,  
Já não está... era uma vez!

Por todas estas razões,  
E não ha que duvidar:  
Julga a policia que o *Bicha*  
E' bicha de rabear.

Noticia um collega, indignado, com a epigraphie de «escalrachos». — Como que pertencente a esta especie de gramineas deve se classificar o portuguez Thomé da Silva, de 19 annos, padeiro, residente no Rio de Janeiro, o qual vivendo n'aquella cidade ha cinco annos, abí abusou de duas creanças de 9 e 13 annos.

E são estes miseraveis que vão ao estrangeiro para euvengonhar o nome da patria!

Perdão. Não percebemos qual a responsabilidade da patria ante as brutalidades do padeiro Thomé.

Elle é que mette o pão no forno e nós é que somos responsaveis pela fornada? Não acreditamos que o governo o mandasse para o Rio fazer taes gentilezas: essa commissão não lembrou ao eximio reformador da flauta e do pifano nacional.

E, a proposito, ainda não ha um commissario inspector das gaitas. Pois faz falta.

A subscrição para a tiara de ouro que vae ser offerecida ao Summo Pontifice está n'esta archi-diocese em 40066720 réis. Dizem de Braga.

A Braga fiel! Não fosse ella Braga, a Braga milionaria onde não ha pobres, nem necessitados, nem miserias phisicas a soccorrer; onde tudo é felicidade, conforto e bem estar, do mais humilde varredor ao mais anafado conego e já ella não podia apparecer á face do mundo, como generosa cidade que obsequia pontifices!

Quando um pobre viajante entra as portas d'aquella santa cidade sofre inclemencias da pobrezinha imunda que o não larga e dos correctores de moças que o desafiam: naturalmente foi d'estes dois elementos que os santos varões arrancaram o conto e mais seis mil setecentos e vinte réis para a tiara com H. Mitra d'ouro, por um conto setecentos e vinte réis, deve ser do tamanho das de galinha e menos saborosa! Em que cabeça a usará o Papa?

Para que Deus afaste a febre aphtosa, que tantos estragos está causando no gado, cavallos, burros, etc., sabiu em Vianna do Castello uma procição de penitencia, composta de todas as irmandades da cidade, que se guin pelo Campo da Agonia, estrada marginal até ao Carmo, Rua da Bandeira, de S. Sebastião, largo de S. Domingos, praça de D. Fernando e campo da Agonia. O prestito era seguido por milhares de pessoas da cidade e de todas as freguezias do concelho.

São monos de ver as coisas e de pretender remedial-as, já que o sulfato de ferro e a mostarda, não fazem o seu dever, em todos os casos. Mas o que affaz a que não fossem na procição os mais interessados.

Porque está a jogar a risa? Tem?



**EXPEDIENTE.** — Prevenimos os nossos ex.<sup>mos</sup> assignantes que vamos começar a proceder á cobrança das suas respectivas assignaturas, continuando a pedirmos desculpem qualquer irregularidade commetida, consequente da grande afluencia d'assignaturas que de toda a parte do paiz temos recebido.



# A LEI DO CUSPO

MAXIMAS POLICIAES

Cuspir pró ar:  
Pode passar.

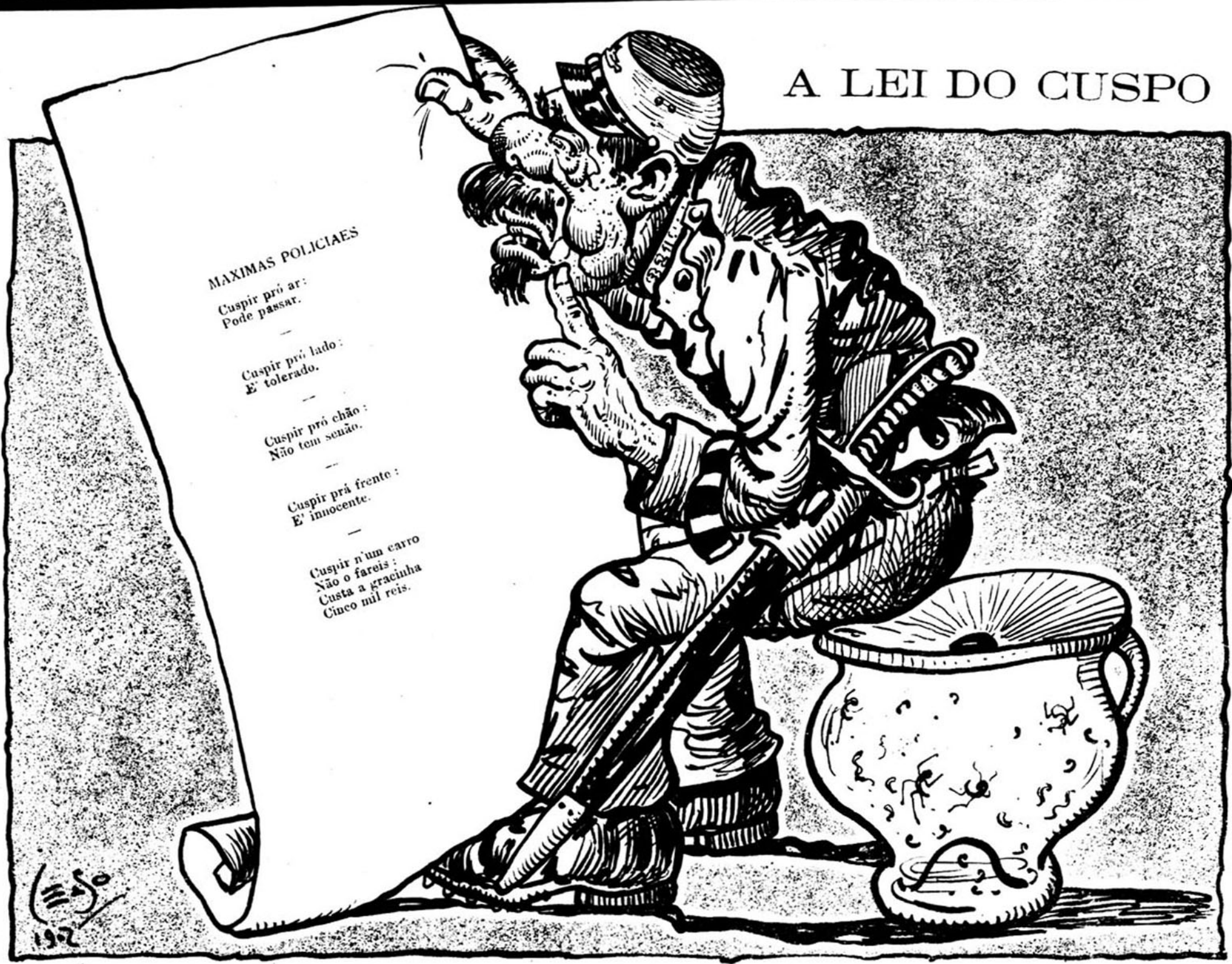
Cuspir pró lado:  
E' tolerado.

Cuspir pró chão:  
Não tem senão.

Cuspir prá frente:  
E' innocente.

Cuspir n'um carro:  
Não o fareis:  
Custa a gracinha  
Cinco mil reis.

192





REVISTA SEMANAL DE Critica, Politica,  
ARTES LETTRAS e COSTUMES.

DIRECTOR—MARCELLINO MESQUITA

PUBLICA-SE ÀS SEGUNDAS-FEIRAS

Editor Antonio da Fonseca e Sousa      Redacção e Administração T. da Boa-Hora, 39, 1.º      Composição e Impressão Lithographia Artistica Rua do Almada, 32

**ASSIGNATURAS** (PAGAMENTO ADEANTADO)

Estrangeiro Anno (52 numeros) . . . . .	1,6500 reis	Lisboa, provincias e Africa Portuguesa Anno (52 numeros) . . . . .	1,8000 reis
Brasil Anno (52 numeros) . . . . .	2,2500 reis	Semestre (26 numeros) . . . . .	8500 reis
Cobrança pelo correio . . . . .	8100 reis		

Toda a correspondencia dirigida à Redacção e Administração deve ser enviada para a Travessa da Boa-Hora, 39-1.º



O almirante Baptista d'Andrade

# A Comédia Portuguesa

## O almirante Baptista d'Andrade

Com o mais profundo respeito pela memoria do morto illustre a *Comedia Portuguesa*, permite-se honrar as suas paginas, publicando o retrato do grande marinheiro.

O sr. conselheiro José Baptista de Andrade, nasceu em 27 de março de 1819. Alistou-se em 13 de setembro de 1833 na armada, sendo promovido a guarda-marinha em 11 de dezembro de 1840; a 2.º tenente em 11 de setembro de 1844; por distincção, a 1.º tenente em 27 de setembro de 1845; a capitão-tenente, em 19 de abril de 1858; a capitão de fragata, em 21 de setembro de 1860; a capitão de mar e guerra, sem prejuizo de antiguidade, em 11 de agosto de 1862; a contra-almirante, por distincção, em 19 de fevereiro de 1873; a vice-almirante, em 26 de julho de 1889; e promovido por distincção a almirante, honra excepcional que lhe foi conferida, como reconhecimento dos seus excepcionaes serviços, em 4 de fevereiro de 1893.

Entrou em diversos combates em 1857, em Angola, como em diversas operações para castigar os regulos rebeldes. Em 1860 tomou parte na defeza do Bembe, commandando as forças da expedição ao norte do rio Dande.

Foi governador geral de Angola e Ambriz.

Commandou o cutter *Andorinha*, a polaca *Esperança*, o brigue *Coimha*, a fragata *D. Fernando* e a corveta *Estephania*.

Foi superintendente das minas de cobre do Bembe, deputado da nação, inspector da Escola Naval e commandante geral da armada. Tinha a carta de conselho; era cavalleiro commendador e official da Torre e Espada e de S. Thiago e gran-cruz de S. Bento e Aviz; commendador das ordens da Rosa, do Brazil; de Carlos III, de Hespanha; tinha a medalha de ouro de Africa e medalha militar de ouro de comportamento exemplar.

Foi vice-presidente do conselho do almirantado por decreto de 17 de agosto de 1892, 1.º ajudante de campo d'el-rei D. Luiz e chefe da casa militar d'el-rei o senhor D. Carlos, por decreto de 24 de abril de 1890; par do reino vitalicio, por decreto de 8 de janeiro de 1880; vogal da junta consultiva do ultramar e vice-presidente do

Instituto Official de protecção ás familias dos funcionarios militares e civis fallecidos no ultramar. Era conselheiro d'estado.

A sua primeira viagem foi a Moçambique e Goa, e o seu primeiro commando o do brigue *Corimba*.

..

Quando um d'estes homens que possuiu e synthetizou as brilhantes qualidades da sua raça, caher ferido pela morte, ho'e, n'este tropel de inuteis, de larvados, de decos, de bonecos de palha envoltos com fardas doiradas de pedantes, de máus, sente o homem que ama a terra onde nasceu, uma dôr como se um parente proximo, alguem caro da familia desaparecesse na cova. E' que n'este mar pantanoso os espiritos bons procuram-se, reconhecem-se, fallam, convivem, de longe, e de longe se fecundam, como as palmeiras separadas por montes e valles, a colossaes distancias. Faz-se mais um vasio no coração e na vida, desfaz-se mais uma esperança, armazena-se mais uma saudade, no templo intimo que todos nós temos consagrado á memoria dos queridos, dos heroes e dos bons!

O almirante foi dos filhos que honram a patria; dos homens que nobilitam a raça.

Gloria pois á sua memoria duplamente santa!







Ao Sr. Conselheiro José d'Azevedo Castello Branco ofereceram os negociantes chinezes de Macáu um grande jantar, em tres mezas, segundo reza a informação. O tamanho do jantar justifica a pluraridade dos altares do sacrificio e honra a intelligente finura dos chinezes de negocio, que, de chofre, perceberam o estomago do diplomata, que lhes cahia na sua quasi ilha de Macáu.

O jantar foi dado «no dia 6 da 11.<sup>a</sup> lua», o que ainda explica que foi um jantar aluado e nos deixa pensar nas surpresas do final. ehre o café e o charuto, nas excitações terríveis da «sôpa de barbatanas á yong-chao», ou da «linguiça» naturalmente a portugueza, em attenção ao hospede eminente.

A lista é alem de colossal de uma riqueza e originalidade de eguarias que lembra os banquetes romanos.

Vi desde o ovo até ao camarão: do caranguejo ao buzio: dos rebentos de bambú ao chrysantemo feito ou em omelete: do cogumelo guizado até á verdura, que por falta de indicação devemos concluir que foi «ao natural».

Isto sem fallar em sôpas de ninhos de passaros e de caranguejos, em pãesinhos com feijão, em tocinho estufado, em fígados salgados, em buchos cosidos, para acabar nas pantagruelicas sobremezias de amendoim e de pevides! O informador não diz se eram torradas, mas deviam ser.

Não consta que embaixador portuguez fosse recebido tão magnificamente, em paiz algum, desde Tristão Vaz da Cunha, na cidade eterna, em tempos de El-Rei D. Manuel! Nunca!

Um embaixador honrado alimenticiamente a verdura, buchos cosidos e pevides, só agora, no tempo de hintze primeiro e unico no ventoso, e hoje, eminente homem politico segundo a opinião do *Novidades* jornal que assim se chama por dar d'estas, ás gentes desaparecidas.

Ministro e embaixador devem estar a esta hora radiantes pelas primeiras manifestações da China: se este foi o banquete de Macáu, dado pela galanteria de simples negociantes, que pouco poderão aproveitar com a transformação que sua Excellencia vai operar na politica da Europa e da Asia e já agora da Africa, da America e da Oceania, que banquete lhe não dará em Pekin o Xin-Fa que estiver á testa da politica estrangeira e o proprio imperador Kuang Lu, ao recebê-lo em palacio?

Se em Macáu lhe deram sôpa de barbatanas é natural que em Pekin subam até á sopa dos donos das barbatanas; se alli lhe deram pevides, em Pekin, a grandeza imperial, não recuará ante a propria abobora!

E então pasmará o mundo! e o sr. Hintze terá occasião de solicitar e alcançar a criação da ordem da Pevide, — emula futura da Jarreteira, cuja divisa poderá ainda apropriar — para diplomatas.

Essa pevide symbolica terá pois a divisa da Jarreteira pura e simples, e nenhuma outra coisa e todos os officiaes, cavalleiros, commendadores, ou grão cruces que levarem na pevide. — *Honi soit qui mal y pense* — marca ou signal estranho, perderão a mercê!

Isto dará origem a um commissario «especulativo» e á immortalidade, ao lado do rei Eduardo, de galante memoria.

Venha a Ordem.



Na Proposta do Ex.<sup>mo</sup> ministro das obras publicas, sobre a questão vinicola, ha esta base primeira, que faz frio.

Base 1.<sup>a</sup> — «E' o governo auctorisado a prohibir, durante tres annos, a contar da publicação d'esta lei a plantação ou replantação de vinhas no continente do reino, com excepção das que forem feitas na região duriense e na do vinho verde.»

De modo que um pobre homem que levou dez annos a juntar dinheiro para comprar um bocado de charneca, que a desbravou, arroteou e plantou de vinha, á custa de mil trabalhos, que d'essa vinha vivia e a familia, que morta a vinha pelo phyloxera a vai replantando de novo, anno a anno, na esperanza de poder ainda ter o antigo pão para si e para os seus, d'hoje em deante, não pode plantar mais um bacêllo. Note-se que a terra é uma areola pobrissima, onde vegetava a custo a urze e o pinheiro bravo e onde nenhuma outra cultura pode supportar, dando ganhos.

Nas regiões vinicolas, n'aquella em que eu vivo, estes exemplos são aos centos. Digam se é possivel haver lei mais barbara, mais iniqua, mais revoltante do que esta.

Prohibir a producção seja do que for n'um paiz, é, em absoluto, uma imbecilidade. O facto de um producto sobrar no mercado não é razão para a sua prohibição. E' para remediar os casos anormaes, difficeis, que ha governos, camaras, economistas, politicos. Para figurarem em jantares diplomaticos e officios na Sé, não são precisos. Nunca ninguem se incomodou por ter, em sua caza batatas a mais, ou cebolas em excesso. Venham ellas que ellas se venderão, aqui ou alli, melhor hoje, peor amanhã.

Em caso algum admitto a prohibição tacita da plantação do quer que seja: isto vai contra a vontade individual, contra a liberdade. Um governo habil tem meios de obstar, por processos indirectos, a qualquer cultura inconveniente, mas o que não pode nunca é obstar por modo a lançar na miseria os pobres que não tem defeza contra a miseria e contra a fome. Porque será o cumulo da torpeza que morram esfaimados estes, porque aquellos engordaram de mais!

E este é o caso, no nosso alegre paiz.

Encheram se as Lezirias de vinho, sacrificando a cultura cerealifera. Aíxou se produzirem dezenas de milhares de pipas as terras riquissimas, que em qualquer cultura recompensam amplamente e esqueceu se o trabalhar dos montes, agarrado á Terra, de dia e de noite domingos e dias santos, terra pobre, terra arida terra miseravel, que adubada com tudo o suor do dono, da familia mesmo, nem assim, tantas vezes, restitue o esforço. Abandonou-se o trabalhador obscuro, o pequeno vinhateiro modesto e rural e deixou se fazer a concorrência á sua cultura, concorrência brutal, esmagadora.

Passado o receio do phyloxera as plantações de vinha multiplicaram se nas mãos dos ricos, como os pães e os peixes da escriptura. Ha um diluvio de vinho. A altissima

providencia dos ministros deixou fechar os mercados. Os lavradores queixam-se o governo... pensa.

No entanto o pequeno lavrador, na casa empobrecida, faz um esforço, anima-se, começa a replantar o vinhedo perdido. Passa um anno e outro e outro: o cabeço verdeja quasi meio; a vinha cobre a encosta. Dois annos mais, ou tres, se Deus ajudar, estará repovoada toda a antiga vinha, poderá começar a desempenhar-se, virão bons dias.

N'esta altura declara-se o Diluvio; todos tem vinho e ninguem o vende, o governo que estava a pensar—e que não tinha morrido—resolve-se, e dicta: ninguem plante nem replante mais vinhas!

Ninguem? Ninguem. Quem tem que comer que coma, quem não tiver que o leve o diabo.

Isto não é governo de pelintras.

Quando eu disse que a tal base primeira fazia frio, é porque é preciso viver n'uma região que vai soffrer toda a crueldade de lei para reconhecer que ella será a lei da miseria e da fome.

Se não valer o mercado da China!



«Uma importante sociedade belga apresentou ás autoridades de Corfú um projecto para estabelecer na ilha uma grande casa de jogo. O governo e a imprensa de Athenas oppozeram-se energeticamente, e o projecto foi batido em toda a linha. Porém os moradores de Corfú, com as suas auctoridades á frente, defendem o com o desespero de quem vê n'isso uma poderosa fonte de riquezas.

Tem havido grandes manifestações nas ruas de Corfú, e receiam-se tumultos serios.»

Segundo se vê ha entre os governos grêgos e os nossos governos grandes semelhanças. Em França chamavam-nos, não ha muito, *portugrêcs*. Em moral, em hygiene e em finanças é o que se vê.

Tambem aqui veiu sua companhia, talvez Belga, fazer identica proposta, ha tempos. E, com a mesma altivez, desprendimento e grandeza, o governo progressista d'esse tempo, a rejeitou nobremente.

Jornaes applaudiram, graves carêças conselheiras penderam approvativas, e o sr. José Luciano poude dizer aos credôres, absortos ante a recusa de milhões: perca-se tudo menos a honra!

E assim foi.

Em que é que o jogo é mais ou menos moral do que a embriaguez? Em Lisboa ha duas mil tabernas, ou pelo menos duas mil cazas de venda de vinho, de cerveja, d'alcool. Não haverá menos. A estatistica diz que a quasi totalidade dos crimes que se commettem na capital é devida ao alcool. E' ler os jornaes de todos os dias. O alcool é para a raça o maior flagelo.

Faz doidos, paes de doidos. Envenena fatalmente, estraga, arruina, corrompe, embrutece, aniquila o organismo mais são. O seu mal propaga-se ás gerações que veem: é hoje o maior inimigo da humanidade. Pode collocar-se ao lado da tuberculose. O que se faz para o prohibir?

nada! Pelo contrario pretende-se espalhar-o, facilitar-o, favorecer-lhe o consumo? Ha algum governo que ignore isto? Nenhum. A estupidez dos nossos governos não vae além da de muitos analphabetos que o sabem.

A hypocrisia essa sim. Não se pode jogar; mas pode-se beber. Entre nós! onde se joga todos os dias quanto se quer, lá de anno a anno apparece um suicidio, um assassinato por questões de jogatina, suicidios e assassina-tos pelo vinho, dão-se todos os dias, ou quasi. Os hospitaes registam as cirroses de figados, dos rins, os delirios, a loucura de centenaes de alcoolicos; e o que é inda peor as miserias physicas e moraes dos filhos dos alcoolicos, um mundo de horrôres, de soffrimentos, de miserias. O que se importam com isso as almas de espuma dos nossos governantes?

Pensam n'isso sequer? Raça de hypocritas.

O jogo é uma immoralidade. Não se percebe porque o jogo seja immoralidade e não o seja o caçar, o pescar, o beber, o fumar, o cheirar, o andar a cavallo, o remar, o esgrimir, o cantar, o dançar, o amar, todos os actos em que a vontade individual transformou em necessidades, absolutas que o mesmo é em vicios. Se eu estrago o meu figado bebendo, o meu cerebro amando, os dentes fumando, que importa aos governos que estrague a minha fortuna jogando? Tem alguma coisa com isso? Que lhe importa a elle, que tem elle com que eu atire uma nota para o panno verde, ou para o syphão da retrete?

E' minha a nota e posso fazer d'ella o que eu quizer.

Por amor de mim, da minha felicidade, de meu bem estar? Ora, dispenso-lhe as attenções e lembro-lhe que para maiores e mais terriveis males, que me podem alcançar sem que eu tenha culpa—o que é mais grave—e que elle me podia evitar, elle deixa para que me alcancem n'uma indolencia vil e n'uma cumplicidade criminosa. Como expediente de falsos brios é reles: como revelação de sentimentos nobres, é, pela hypocrisia—simplesmente pulha.

Um jogador não será sempre um santo; mas ha-os velhos no habito, e tão honrados e serios que ao lado d'elles um d'esses philanthropos—moralistas de governo não passa d'um reverendissimo bandalho.

Bandalho que não joga, mas bandalho.

Então? As mulheres publicas teem sempre uma coisa em que fazem consistir a sua honra, como os ladrões.

Vao lá dizer-lhes que não são honradas.

Mas, entre nós accresce que o jogo sendo prohibido é tolerado, officialmente; que ha uma loteria publica, nacional, que explora os meios tostões dos miseraveis, dos pobres; loteria em que toda a gente joga da mais baixa á mais alta; em cujo pregão os vendedores massam e incommodam toda a gente, durante horas seguidas, dia e noite.

Muita gente se tem empenhado com elle: alguns empobrecido; muitissimos a ella sacrificam férias e pequenos ganhos. E' um jogo aprovado, persistente, mettido á cara, gritado, quasi obrigado pelo habito, pela longa existencia. Porque se não prohibe?

Porque entre nós nada é serio; tudo se faz para ostentação, para a apparencia, para enganar os incautos ou os tólos. Com a nossa bolsa jogam elles, arrancando-lhe com addiconaes successivos o que ella tenha: com o nosso bem estar, com o nosso credito nacional, com as nossas fazendas e até as nossas vidas fazem elles jogo de par, em satisfação de torpes vaidades e infimos caprichos. Esse jogo é permittido e licito, é decente, é grande, até. Faz a reputação dos grandes politicos e a felicidade dos povos, como nós. Sobre tólos, tartufos!



COMEDIA PORTUGUEZA  
POR ESSES SALÕES



Me chiamano Mimi!





Não ha, no escasso publico que se preoccupa com a arte portugueza, classe mais irritante do que essa que oppõe aos não menos irritantes pessimistas a segurança beatifica do seu inalteravel optimismo. Se aquelles descrentes são banaes, estes crentes não o são menos. O negro d'uns é tão deslavado como o cor de roza dos outros. A verdade não está n'um nem n'outro campo, embora tenha afinidades com ambos. Ora a verdade é que isto está mau, mas ha esperanças; é que isto está bom, mas tem defeitos. E para realisar essas esperanças e destruir esses defeitos, isso é, para estabelecer o equilibrio só resta appellar para aquillo que um escriptor, cujo nome me não recorda, chamou as *reservas*,—reservas que, entre nós, se compõem de gente nova, novissima, que desponha triumphantemente no indeciso momento litterario, e que fulgurantemente se revela n'essas deliciosas conversações, gratas ao homem, a que se dá o saboroso nome de *ca-vacos litterarios*.

Foi assim que, outro dia, enquanto a chuva cahia e o vento sibilava ironico sobre rios, eu me vi confortavelmente cercado d'um bando dos mais esperançosos moços da novissima geração litteraria. Discutia-se, fallava-se de arte. O assumpto era um livro recente; firmado por um nome conhecido de escriptor,—e esse livro era positivamente destruido pelos meus interlocutores, alguns dos quaes, cumpre nota-lo para melhor accentuar a prodigiosa intuição da sua critica, se gabavam de não ter lido d'elle uma só pagina. Chovia sobre elle um impiedoso sarcasmo: arrancava-lhe as paginas um vento de colera. sumia-lhe as letras uma avalanche de imprecações. Não só a sua sinceridade era posta em duvida,—negavam-se os seus intuitos explicitos, negava-se-lhe a menor parcella de talento, negava-se-lhe o estylo, negava-se-lhe a observação, negava-se-lhe a grammatica. E como eu, timidamente, arriscasse uma palavra de ponderação em tão scintillante debate, julguei ver,—oh! sim, julguei—olhares de intellectual penetração cravarem-se-me nas algibeiras do casaco, nas algibeiras do collete procurando descobrir, com milagres de raios X, as pintalgadas notas do Banco ou as embaciadas rodellas de nickel que necessariamente me deviam ter corrompido para tão audaciosa defeza.

Varios publicistas teem affirmado com gravidade que a decadencia da Arte em Portugal é monstruosa. Não attribuirei a esta flagelladora propicição o caracter d'aquillo que o Eça chamava «o habito instinctivo de deprimir a patria» mas o facto é que ella se me affigura desalmadamente erronea, dado que se lhe queira attribuir uma significação absoluta e geral.

Não! A decadencia entraria, concedo, no campo d'aquelles que exprimem a arte por meio das creações litterarias, mas em compensação o espirito critico floresce, como nunca. E floresce exuberantemente. Encontram-se a cada passo, os criticos: nos cafés, nas redacções, nas esquinas. Todos sabem as exactas formulas modernas da arte; todos conhecem a maneira de realisar, o segredo da technica, a organização do methodo,—e todos, ó delicia! promettem fazer uma obra, está-se a ver que para modelo, seguramente, limpamente, com uma perna ás costas.—O que, sejamos justos, redobra a auctoridade das criticas e justifica a severidade dos exames.

Mas,—e eis aqui a minha tortura!—essa obra não apparece! Eis a dolorosa e perturbadora incertesa que é a origem das minhas insomnias, que me amargura os dias da existência; que faz que eu seja o *homem de pouca fé* que todas as religiões fulminam... Esta obra não apparece, e assim nem o Romance, nem o Drama, nem a Poesia encontram ainda o ponto de referencia, o nivel, a pauta por onde se encaminhem os trabalhos dos que fazem alguma cousa. Ainda mais,—o que é horrivel!—nem a Critica! Nem um livro, nem um folheto, nem um artigo, sequer! que desbanque Ruskin, envergonhe Taine, como elles são nocturnamente desbancados envergonhados, confundidos nas mezas do Suisso e do Jansen... Nada! nada! nada! que explique o segredo maravilhoso de destruir as obras que se não levam ou de que apenas se conhece um ou outro trecho secundario!

D'ahi, o meu irreverente protesto acompanhando a minha commovida interrogação. Porquê esta intransigencia em face d'uma folha de papel, d'um tinteiro e d'uma penna? Porquê, este supplicio de Pantalo que elles sofrem, os sublimes desgraçados, não approximando da fonte viva da arte universalizada pela imprensa, os labios que, dessedentados, deixariam por certo jorrar as formosas maximas e as transcendentis theorias?

Não, não posso admitir isto! Admitte que sejam umas bestas todos os romancistas, dramaturgos, poetas, philosophos, que elles nunca leram, mas não admitte que elles não sejam uns genios,—só pela razão do que os conheço. Não, não me convengo de que esse retrahimento, ainda que feito de altivez, de superioridade homérica, de intellectualidade desdenhosa, possa ser justo, possa ser logico. Não é justo que os filhos d'um paiz em decadencia o não levantem, quando o podem levantar; não é logico que esses que seccam as guellas a dizer cousas esmagadoras se recusem a seccar tinteiros para os escrever. A publicidade do pensamento não é um direito, é um dever,—disse-o um tal Paul-Louis-Courier. Os cidadãos portuguezes devem-se á patria, como bastas vezes o tem lucidamente provado o sr. José de Alpoim; os jovens criticos, que pertencem de direito á camara dos deputados da Arte, devem-se á Arte. Não, não e não! Eu sou como Cambronne: não me rendo.

E foi por eu ser como Cambronne que muitos olympicos e penetrantes olhares me investigaram, não occultando a suspeita de que eu estivesse vendido aos consagrados.



YERMA

*Afonso d'Albuquerque.* Noticia-se: «Está já envolvida em serapilheira a estatua do valeroso capitão Afonso de Albuquerque erguida na Praça de D. Fernando, em Belem.»

E' o que se costuma fazer no hospital, aos miseraveis que morrem.

Depois da serapilheira, carroça e valla commum. Valla com elle; que isto não é paiz para Albuquerquees que conquistam imperios.

Os nossos grandes homens, de hoje, podem ser olhados como grandes capitães;—mas, segundo a opinião do fallecido marquez de Vallada, altamente dita, na Camara Alta, como capitães de... ladrões. Não é bem a mesma coisa: valla com elle!

O jardim de Epicuro.

«Judas». — A sorte de Judas de Keriioth mergulha-me n'um abysmo de espanto. Porque, em verdade, este homem veio para realizar as prophcias; era preciso que elle vendesse o filho de Deus por trinta dinheiros. O beijo do traidor é como a lança e os cravos venerados, um dos instrumentos necessarios da paixão. Sem Judas o sacrificio não se teria dado e o genero humano não se teria salvo; no entanto é opinião assente entre os theologos que Judas está condemnado ao Inferno. Fundam-n'a sobre as palavras de Christo: «Melhor fora para elle o não ter nascido».

Esta ideia de que Judas perdeu a alma trabalhando para a salvação do mundo tem atormentado muitos christãos mysticos e entre outros o abbade Oegger primeiro vigario da cathedral de Paris. Este padre, cheio de piedade não podia tolerar a ideia da condemnação eterna de Judas; n'ella pensava a toda a hora e a sua perturbação crescia com as meditações permanentes.

Chegou a convencer-se de que a libertação d'esta alma interessava á misericordia divina e que a despeito das palavras obscuras do Evangelho e da tradicção da Igreja, o homem de Keriioth devia ser salvo.

Torturado pela duvida, quiz saber a verdade. Uma noite, como não pudesse dormir, entrou na sacristia deserta e orou, assim: «Meu Deus, Deus da clemencia e d'amôr, se é verdade que recebeste no teu seio o mais desgraçado dos teus discipulos, se é verdade como espero e creio, que Judas Iscarioth está sentado á tua direita, manda que elle venha junto a mim annunciar-me a obra prima da tua misericordia. E, tu, maldito de ha dezoito seculos, a quem venero porque parece teres tomado para ti só o Inferno, para nos dar o Céu, bode emissario de infames, o Judas, vem impôr-me as mãos para o sacerdocio da misericordia e do amor». Então o padre, ajoelhado, sentiu que duas mãos, como as do bispo no dia da ordenação, lhe poisavam na cabeça. No dia seguinte annunciava ao arcebispo a sua vocação futura: iria ser o padre da Misericordia segundo a ordem de Judas, *secundum ordinem Judas*.

Desde esse dia começou a prégar pelo mundo o evangelho da piedade infinita, em nome de Judas remido.

O apostolado mergulhou o na miseria e na loucura até que morreu em Munich. Foi o ultimo, o mais terno, o mais doce dos cainitas.

A. FRANCE.



Concurso.

A Comedia Portugueza offerece, com a maior lealdade, a todos os novos, as suas columnas. Prosas, versos, desenhos, toda a collaboração artistica ou litteraria cujo valor seja reconhecido, será accepta n'esta redacção e publicada. No momento em que o juizo do publico valorise qualquer producção essa será paga em harmonia com a dos collaboradores actuaes do semanario.

Pede-se o favor de notar a indole do jornal, e adoptar portanto as producções ao seu modo de pensar e de dizer d'elle.

Julgamos prestar um serviço, facilitando o apparecimento de aptidões e remunerando-as. Os originaes que se não publiquem ficam propriedade da redacção.

GAZETILHA

E' um dictado famoso  
Que uma triste ideia importa  
O dictado portuguez:  
— Não passar da cêpa torta.

Como já ha muita cêpa,  
N'esta terra, o ministerio,  
Vê no paiz tão parado...  
Pensa, descobre o mysterio:

Um paiz que não progride,  
Nem anda como os demais,  
Sendo tão bem governado...  
E' que tem cêpas de mais.

E, como todas são tórtas  
E as ha de frente, de lado,  
Por detraz... no meio d'ellas.  
E' um paiz encravado!

Guerra á cêpa! coitaditos,  
Não viram bem o mysterio:  
As cêpas tortas são elles,  
Os sete, do ministerio.

N. T.



D. Amelia. — Deu-nos em première *Os Malhados*, peça vasada em velhos moldes de que é auctor um novo. Como synthese d'uma epoca, é illogica os caracteres são falsos, mal desenhados.

O 1.º acto, talvez o mais acceptavel, tem muita inverossimilhança, a acção decae, o dialogo afrouxa.

O 2.º e 3.º actos são infelizes.

O desempenho foi correcto, embora muitos dos actores um tanto ou quanto sacrificados. D'entre estes citaremos Pinheiro, o tyranno da peça.

O papel d'Augusto Rosa nada justificavel no drama, foi desempenhado brilhantemente pelo distincto actor.

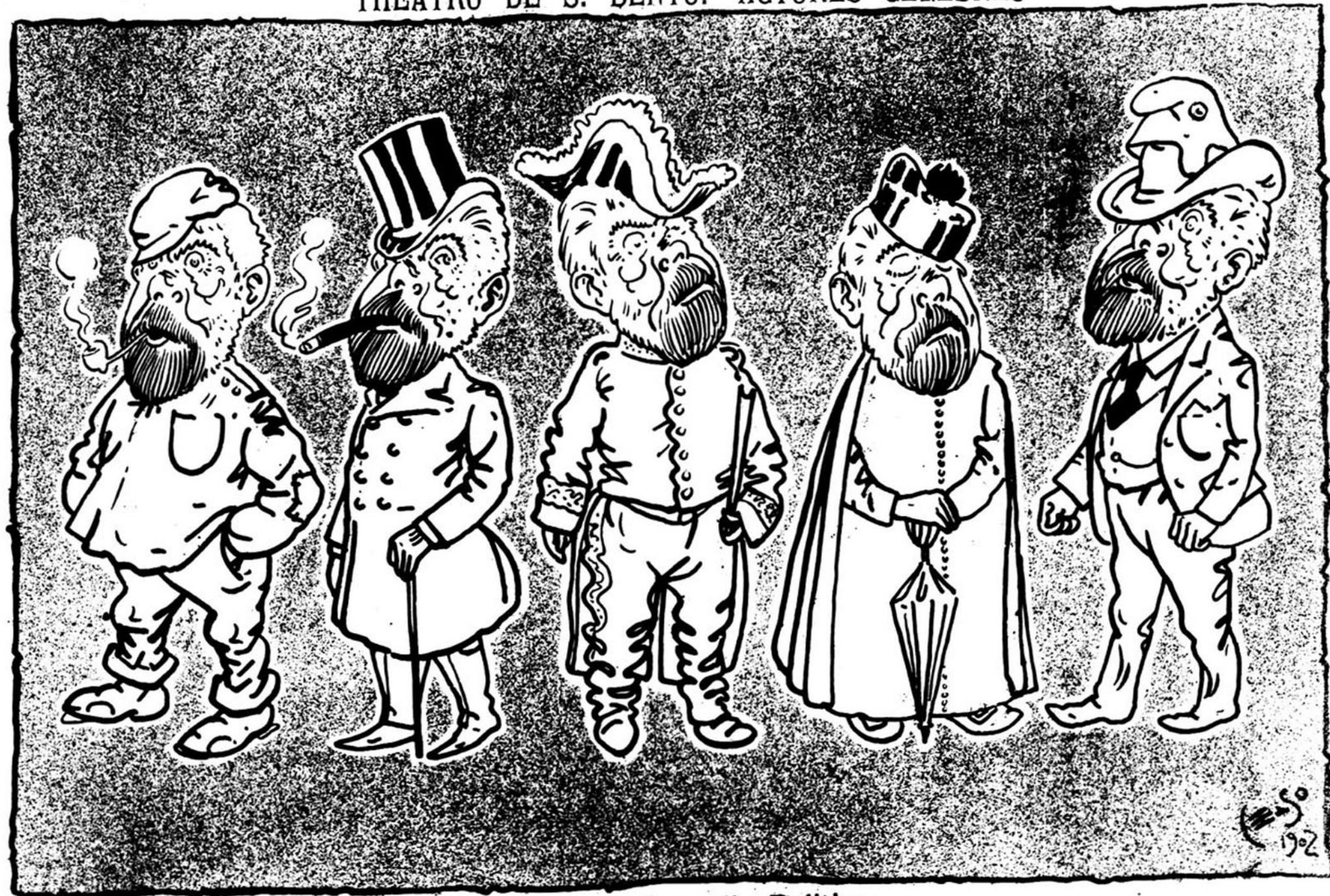
Emfim, a peça do sr. Lobo d'Avila parece-nos destinada ao archivo.

Pelo menos, o publico infelizmente assim o manifestou.





THEATRO DE S. BENTO.—ACTORES CELEBRES



Frégoli na «Comedia Politica»





REVISTA SEMANAL DE Critica, Politica,  
ARTES LETRAS e COSTUMES.  
DIRECTOR—MARCELLINO MESQUITA

PUBLICA-SE AS SEGUNDAS FEIRAS :

Editor Antonio da Fonseca e Sousa      Redacção e Administração T. da Boa-Hora, 39, 1.º      Composição e Impressão Lithographia Artistica, Rua do Alameda, 32

ASSIGNATURAS (PAGAMENTO AVANTADO)

Estrangeiro Anno (32 numeros) . . . . .	1\$500 reis	Lisboa, provincias e Africa Portuguesa Anno (32 numeros) . . . . .	1\$000 reis
Brazil Anno (52 numeros) . . . . .	2\$500 reis	Semestre (26 numeros) . . . . .	4500 reis
Cobrança pelo correio . . . . .	6100 reis		

Toda a correspondencia dirigida á Redacção e Administração deve ser enviada para a Travessa da Boa-Hora, 39-1.º



DR. FRANCISCO DE PAULA RODRIGUES ALVES

## Dr. Rodrigues Alves

O novo presidente da Republica do Brazil é quasi um portuguez. Dizem nos cheio do valor scientifico e litterario e de espirito elevado. Ao felicital-o pela ascensão ao elevado cargo, esperamos que tão altos dotes possam aproveitar ao paiz onde lhe nasceram os paes e a colonia que fez o Brazil e é ainda hoje — segundo a sciencia — aquella a quem elle deve a conservação da raça e a presistencia da lingua.



A's vezes supponho-me estrangeiro, chegado recentemente de Lisboa, e ponho-me a passeiar, ao acaso, por toda a parte, por todos os bairros, como se tudo fosse para mim desconhecido, como se tivesse desembarcado no momento, no caes das columnas.

Assim, intimamente metamorphoseado, tornando alheio o olhar, consigo encontrar notas originaes do nosso viver, costumes que passam desapercibidos, pontos de vista soberbos, aspectos de Lisboa verdadeiramente curiosos, originaes, inolvidaveis.

Com tal animo entrei no parlamento portuguez n'um dos dias d'esta semana. Imaginei desconhecer os homens e as questões e puz-me a ver que idéa, eu, estrangeiro, faria da representação nacional portugueza se tivesse desembarcado no caes das columnas, pela manhã.

Pois, meus caros senhores, a idéa que eu encontrei na minha carteira de «touriste» da propria terra, é esta: «Não tem razão, nem direito de existir politicamente, com fóros de nação livre, um povo que tem á testa dos seus negocios um parlamento de tal ordem».

Era esta a idéa que eu, estrangeiro, teria ido levar, á minha nação; é esta a idéa que eu, portuguez, tenho a franqueza de expôr na minha propria terra.

Porquê? Porque nas sessões parlamentares não se encontra um vestigio de seriedade; porque ninguem alli tem a consciencia da posição que occupa; porque os deputados fazem das questões graves o trampolim dos ditos grosseiros, da chalaça, da teria; porque no espirito d'aquelles homens não ha convicções de especie alguma, nem ideas politicas ou generosas, nem fins uteis, nem aspirações nobres, nem commedimento, nem respeito pelas tradições gloriosas do seu paiz; nem aspirações d'um futuro digno; nem attenções pelo estado grave em que estamos; porque a maioria dos representantes não tem intelligencia, nem illustração á altura do logar que occupam, e na falta d'estes requisitos não possuem o bom senso ou, ao menos, a dignidade que torna respeitavel a opiniao e que valorisa o voto.

E' vér como se portam, como e porque discutem. E' vér como ridiculizam os assumptos mais serios, pela falta de urbanidade e d'aquella continencia natural propria de todos os homens que prezam acima de todas as questões o seu bom nome e o respeito pelo seu character.

Os ares que se dão são ridiculos por balôfos; a phrase altisona, paspalhona e commum; o gesto exagerado por

falso, mal estudado, inverosimil. As suas iras lembram as momices das mimicas, as suas caricias os beijos desleaes de Judas. Delestaveis actores, porque lhes falta a impressão verdadeira, comediantes vulgares porque nem sabem os papeis que recitam.

Como homens dirigem se as maiores offensas, como deputados esquecem-n'as nos corredores, para confraternizar no regafo commum d'uma representação pôdre.

A combinação secreta substitue á justiça, a legalidade e o bem: aniquila iras, acalma odios, amansa pretenções, sustem ridiculos e quedas vergonhosas, desbraveja os caminhos, consola pretenções, arranca promessas, e satisfaz caprichos!

A idéa da patria desaparece n'este oceano de mesquinarias e ficam apenas de pe: o amor proprio que degladia a justiça e o egoismo que combate o egoismo.

A vista das sessões e a leitura das actas, provam-nos que estas conclusões são justas perante a inefficacia das pugnas a pueril pujança dos debates e a verdade crua e ridícula e lamentavel das votações das leis!

Uma belleza. O que revolta profundamente, não é que digam de nós taes amabilidades. De mais sabem os que a escrevem quanto são falsos; mas sabem tambem, que um paiz governado como o nosso, não tem direito a condolencias, nem delicadezas. Na lucta geral pela vida, as nações como os homens, não tem dó; para vencer serve tudo: a mentira, a calumnia, o descrédito, todas as vilanias, todas as armas! Se as nações tem os governos que merecem, estes tem o respeito que lhes compete. Não ha que exagerar susceptibilidades, nem melindres. A Europa cospe-nos injurias; a unica coisa que nos resta é pôr-lhe, bem á frente, a cara estanhada dos Governos. Triste compensação mas é a unica.

Os ultimos factos passados na camara revellam até ao intimo, a miseria moral dos homens que a compõem. Entre homens serios podem dirigir-se as offensas mais cruéis n'uma camara. D'accordo.

A dignidade propria da casa exige, porém, que a liquidação d'essas offensas, se faça, cá fóra, n'um desforço digno. E, tem obrigação de o saber esses senhores.

Porque devem saber que aquella sala, não é salão de club, ou de botequim, que lhes não pertence a elles nem a ninguem, que pertence ao paiz, que é tão respeitavel como uma igreja, porque alli, se não se adora, devia adorar-se a alma da patria, como nos templos se adora a alma das coisas!

Aquella sala é onde se recebem os estrangeiros: é d'alli que elles sabem o que valem, o que podemos, a nossa educação, o nosso brio, a nossa illustração, a nossa dignidade!

O que alli se diz e se faz sabe-o o estrangeiro, e por tal saber nos julga. Quem está alli nas galerias, a ouvir, a escutar a analizar, não são apenas os amigos do deputado — que vae fallar —; os jornalistas avidos de noticias; as damas que tem namôro ou o pescam; os mandriões que matam o tempo em espectáculo de borla; os pretendentes que esperam os deputados do circulo; não, quem, alli, vê, ouve, escuta, critica e julga é apenas o Mundo!

Aquella é o salão da Patria, e não é permitido a nenhum bilhastre, a quem ataram a cilha azul e branca dos eleitos, escarrar n'esse salão ou deshonral o com scenas improprias e vis!

Ninguem sabe, nem quer saber, lá fóra, quem é o fadistão eleito. E' o facto que se critica; é a elevação moral do parlamento, transformado em esquina de rua, ou bancada de chafariz. E d'ahi o nome e seriedade da patria! Façam favor de pensar n'isto.

Mas por esse paiz todo, echôa com um estigma de grotesca e de indigna, essa sessão de Camara em que houve sócco e rebolões pelas cochias.

Toda a gente diz: é indigno, é improprio, nunca se desceu tanto, aquillo não é serio. Toda a gente o sente, toda a gente o confessa e toda a gente o consente!

A ultima remonta eleitoral, é a vergonha e o descredito absoluto d'um povo. Paiz nenhum, no mundo, consentiria no que consentiu Portugal.

Paiz, disse-lhe Hintze — o Maximo — és um bandalho, a quem nem deve ser permitido ter opinião. Não a terás sobre coisa alguma.

E deu-lhe os deputados que quiz: dispoz d'elle como d'um sabujo que se leva na ponta do chicote — se fôr preciso — e o paiz, ouve-o, escuta-o, tolera-o, tolera-lhe as suas ordens, respeita-lhe a sua Camara.

Pois respeite, vá respeitando que ella merece-o. Ah! a tem: mas quando passar por lá, arrede se sempre um pouco, por que no barulho se já entra o sócco — não se demora a navalha!



**Em França:**

«As festas em honra de Victor Hugo terminaram com a festa da coroação da estatua do grande escriptor pela Musa do Povo, personificada n'uma gentil rapariga, empregada n'uma typographia...»

Empregada n'uma typographia... Tem graça. Aqui está o que hade succeder d'aqui a uns cincoenta annos á estatua do grande estadista Hintze Ribeiro. A imprensa grata á sua alta proleção mandará corral-o por um typographo. Da materia de que haja de fazer-se a corôa diloha o paiz, n'um plebiscito. Se fosse para já, nós opinavamos pelo nabo saloio!



Para remediar a carestia da carne a Camara Municipal, pede autorização para fornecer carne salgada.

E' preciso ver bem, porque «salgada» já ella é, a que se consome. Esperamos pois que a carne salgada futura seja mais fresca do que a fresca da actualidade.

E não nos admirar que assim seja: isto é o paiz das maravilhas e dos disparates.



O conselheiro Arouca, morreu aos 53 annos de idade. Era formado em Direito. Foi, eleito para varias legislaturas; vice-presidente da camara dos deputados; duas vezes ministro em Portugal e ministro plenipotenciario em Londres. Foi elevado a par do reino em 1893 e era actualmente, vice-presidente da camara alta. Foi orador veemente, mas cortez, advogado habil e um bom character.



Perguntado, na Camara, Hintze Ribeiro — o Grande — porque ordem se faz censura previa sobre jornaes, diz-se que as abobadas do templo da verborrêa, echoaram com estas ou semelhantes palavras, saidas altivamente de seus labios de purpura.

— Se assim procedo é em beneficio do paiz e porque a lei m'o permite.

— Qual lei excellencia? Ha uma carta, que se chama «Carta Constitucional», que foi alcançada com sangue — os meus por lá andaram — e que diz: «Nenhum cidadão pode ser obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma coisa senão em virtude da Lei». E ainda a mesma Carta, desconfia-se que diz: — «Todos podem communicar os seus pensamentos, por palavras, escriptos e publical-os pela imprensa sem dependencia de censuras, contanto que hajam de responder por abusos, que cometerem no exercicio d'este direito, nos casos e pela fórma que a lei determinar.»

Logo não é a Carta que permite a censura previa e se não é a Carta, não parece que qualquer codigo possa derogar a doutrina do pacto fundamental da monarchia.

Nem o Codigo Civil, nem a Lei de Imprensa cerceiam o direito de publicação livre, porque é então que sua excellencia prohibe a publicação dos jornaes, decreta a censura, iniqua?

Porque tem a força. O sr. Hintze ha-de em breve persuadir-se que para «homem de forças» é muito fraco.

Havemos de provar lh'o.



**Informação:**

«Para João Patricio Alvares Ferreira foram hontem despachados na alfandega 103:600 litros de lava secca, vinda da ilha de S. Miguel, no valor declarado de réis 2:000:000.»

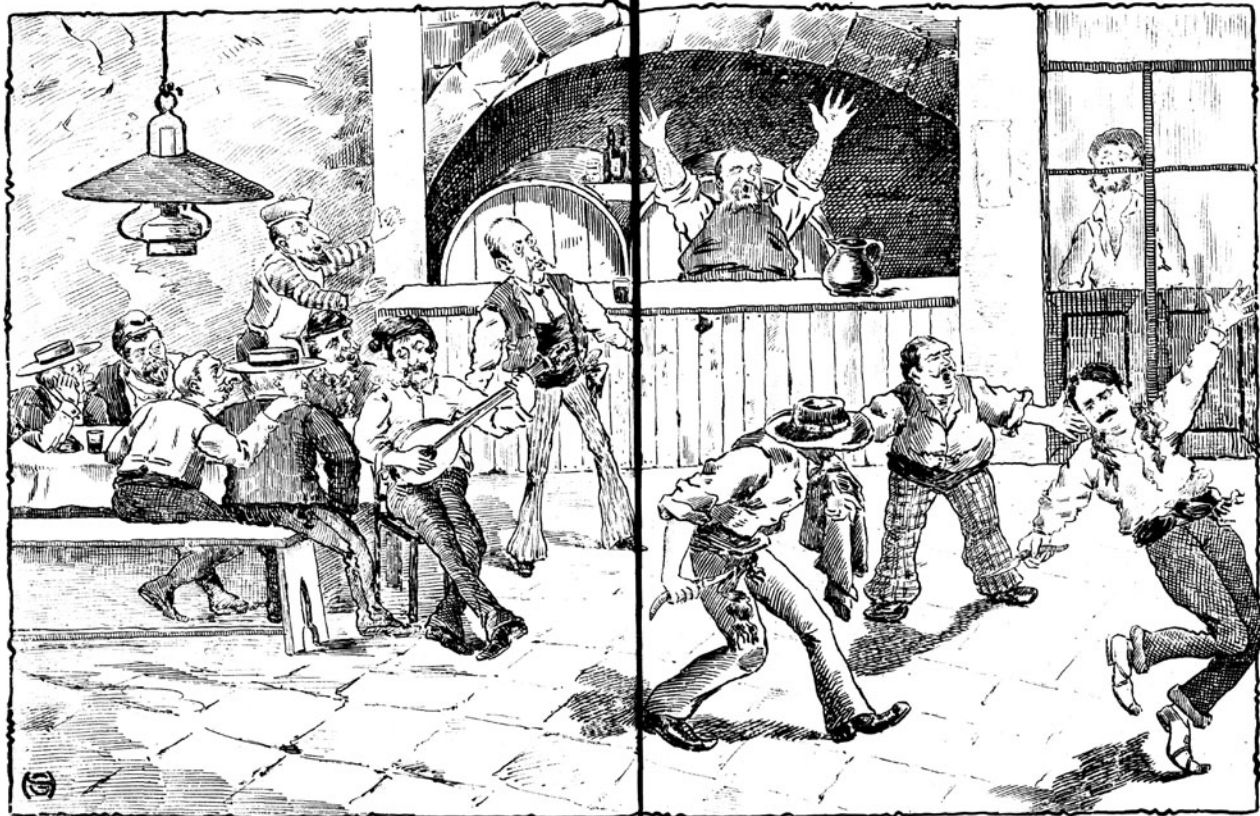
Estamos no regimen das ilhas, e como o accetamos em todos os campos chegaremos a crear uma phrase synthetica de um periodo historico, como foi o *Panem et circenses* dos Romanos e o *Pan y toros* hespanhol.

D'esta nossa epocha um historiador poderá definir as aspirações politicas e economicas, em vista da governação e dos consumos, com a gloriosa phrase: *Hintze e fava!*

Isio caracterizará a epocha e o paiz.



RETIRO DOS PAOTOS D'ALFAMA



Pergunta innocente:  
Que differença ha entre  
Dicioni pastuani, libera e um Parlamento?



### CANCIONEIRO ALEGRE

Disse o Mello ao tal Andrade:  
«Vocè apalpa a algibeira».  
Não seja a minha, que a delle  
Pode apalpal-a, á vontade.

Burnay não vende as acções  
Que disse vender, lampeiro:  
Ha quem vendesse as que faz  
Atá por todo o dinheiro,

Vão morrendo aos pares, os pares:  
Coisas novas, coisas velhas...  
Em vez de um, pode o governo  
Nomear, sempre, parelhas.

Foi levado ao pariato,  
Candido, o padre, o oradôr,  
De concorrências selectas:  
E' um par que sendo um só,  
E' um bom par de galhetas...

Agredido o Mello e Sousa  
Foi, pelas costas, a murro:  
Ninguem 'stá livre no mundo  
De levar coices de burro.

Fez o Baptista Diniz  
Uma revista de estalo;  
Começa logo p'lo nome:  
«A' procura do badalo».

Pessoas que foram vèl-a  
Acharam ditos salgados...  
Que faria se elles vissem,  
No coio dos deputados.

Para apanhar uma pasta,  
Luzente, como o verniz,  
O que diz o tal badalo,  
O que o tal badalo diz!

Mattos desaparece  
Da sessão; mas, de repente  
A' pressa, todo enfiado!  
O que não fará á gente  
O ouvil-os, quando áquelle,  
Que já está acostumado...

N. T.



Na festa do Seminario de S. Vicente, em Lisboa, depois de muitas e commoventes coisas ditas em louvor de Leão XIII, aconteceu que:

«Foi expedido um telegramma ao Santo Padre, em francez, felicitando-o e pedindo a benção. Chegou hontem a resposta muito grande, muito minuciosa e em portuguez! Claro está que foi recebida com um entusiasmo indescriptível, sobretudo pelos alumnos, por cuja iniciativa se fizera a festa inteira.»

O telegramma foi em francez: a resposta veio em portuguez. Não calculavamos que andava tanto em uso, por S. Vicente, a lingua heretica dos D'Alembert e dos Rosseau! Mas, de Roma, emendaram, com uma bofetada: a resposta veio em portuguez! Aquelle Frei José é dos que teem o céu por direito de nascença!

O' meninos, mas porque não usam o latim? Para coisas mortas, linguas mortas. Lá o diz o Christo, se o disse alguma vez: deixae os mortos enterrar os mortos!

Agora em francez! frei José! mon petit cheri, mon petit chat! mon petit cochon! andais na Lua!



### Do Brazil:

«Na camara municipal de S. Paulo, foi discutida a indicação do ex-vereador dr. João Basto, para que aquella camara representasse ao Congresso Federal no sentido de ser decretada a vinda para o Brasil dos restos mortaes de D. Pedro II e de D. Thereza Christina.»

Isto de ser decretada a ida dos restos mortaes dos imperadores tem muita graça. Para quem decretará o congresso federal, que lhe obedeça?

Era preciso consultar primeiro o imperador e a imperatriz e agora parece-nos um pouco tarde. Emfim, se teem o «Alagôas» disponível, mandem sempre.

Os senhores á falta dos restos, não quereriam um grande politico portuguez, ou um grande diplomata inteiros? Isso era mais facil d'arranjar e convinha-nos mais.

## O Jardim d'Epicuro

O mundo será frívolo e vão quanto quizerdes; mas como é, não é má escola para um politico.

E' pena que nos parlamentos o não saibam.

O que faz o mundo é a mulher. Ella é, n'elle, a soberana: nada se faz senão por ella e para ella.

A mulher é a grande educadora do homem; é ella que lhe ensina as bellas virtudes da polidez, da discrição e aquella altivez que não é nunca importuna. Ella mostra a alguns a arte de agradar e a todos a arte util de não desagradar.

E' por ella que se aprende que a sociedade é d'uma complexidade e ordenação mais complicada do que se imagina vulgarmente nos cafés politicos.

Emfim, é junto d'ella que se comprehende que os sonhos do sentimento e os sonhos da fé são invenciveis e que não é a razão que governa o mundo.

\* \* \*

A ignorancia é a condição necessaria, não digo da felicidade, mas da existencia. Se teem uma moral não poderiamos supportar a vida uma hora. Os sentimentos que nol-a tornam ou doce ou menos toleravel, nascem d'uma mentira e nutrem-se de illusões.

Se possuindo, como Deus, a verdade, a unica verdade um homem a deixasse cair das mãos, o mundo seria n'um momento aniquilado e o universo dissipar-se-hia como uma sombra.

A verdade divina, como um juizo final, reduzil-o-hia a pó.

\* \* \*

Chamamos perigosos aquelles cujo espirito é differente do nosso, e immoraes aos que teem uma moral não igual á nossa moral. Chamamos scepticos aos que não tem as nossas illusões, sem nos importar mos de vêr quaes são as d'elles.

A. FRANCO.



### Em Roma:

«Os principaes personagens da peregrinação foram apresentados ao Papa, que teve para cada um d'elles uma expressão amavel, especialmente para os parochos de Paris, aos quaes recommendou preguem união e concordia, e trabalhem para libertar os catholicos do jugo da maçonaria.»

Maçonaria, em linguagem ecclesiastica, é o mesmo que, sciencia, criterio, razão. Os parochos de Paris só teem uma coisa a fazer: é pedir a Nosso Senhor, que as suas futuras ovelhas nasçam sem cabeça. É um descanso para a Igreja e uma economia em chapéus.



### De manhã

O sol entrava ha muito p'las janellas,  
Mostrando a todo o mundo os esplendores  
E o nobre conde inda a sonhar com ellas.  
Tinha vizões phantasticas de horrores.

Esp'rando o despertar, os servidóres,  
Como os criados, todos, tagarellas.  
Cortavam na casaca dos senhores,  
Sem dó, nem compaixão, nem mais aquellas.

N'isto, o conde desperta furioso,  
E ao vêr o sol que entrava luminoso,  
Disse comsigo:—não é nada cêdo!

E chamando um criado, recommenda;  
—Não recebo ninguem! (e corre a lenda,  
Que elle ficou de cama, por ter medo.)

BARRY.



## Concurso

A *Comedia Portugueza* offerece, com a maior lealdade, a todos os novos, as suas columnas. Prosas, versos, desenhos, toda a collaboração artistica ou litteraria cujo valor seja reconhecido, será aceita n'esta redacção e publicada. No momento em que o juizo do publico valorise qualquer producção essa será paga em harmonia com a dos collaboradores actuaes do semanario.

Pede-se o favor de notar a indole do jornal, e adoptar portanto as producções ao seu modo de pensar e de dizer d'elle.

Julgamos prestar um serviço, facilitando o apparecimento de aptidões e remunerando-as. Os originaes que se não publicarem ficam propriedade da redacção.







- Então vens cá, à noite?
- Talvez não. O meu José nunca me deixa sair de tarde.
- Ora adeus, acaricia-o, passa-lhe os dedos pelo cabelo...
- Isso é que não pode ser.
- Porquê?
- Elle é careca!



REVISTA SEMANAL DE Critica, Politica,  
ARTES LETTRAS e COSTUMES.  
DIRECTOR—MARCELLINO MESQVITA

PUBLICA-SE AS SEGUNDAS FEIRAS

Editor Antonio da Fonseca e Sousa      Redacção e Administração T. da Boa-Hora, 39, 1.<sup>o</sup>      Composição e Impressão Lithographia Artistica, Rua do Almada, 32

ASSIGNATURAS (PAGAMENTO ADEANTADO)

Estrangeiro Anno (52 numeros) . . . . . 12500 reis	Lisboa, provincias e Africa Portuguesa Anno (52 numeros) . . . . . 10000 reis
Brazil Anno (52 numeros) . . . . . 22500 reis	Semestre (26 numeros) . . . . . 5500 reis
Cobrança pelo correio . . . . . 1100 reis	

Toda a correspondencia dirigida á Redacção e Administração deve ser enviada para a Travessa da Boa-Hora, 39-1.<sup>o</sup>



DR. THEOPHILO BRAGA

## Dr. Theophilo Braga

A publicação do retrato do eminente homem de letras portuguez tem por fim prestar, ao mestre, ao trabalhador incansavel a homenagem de respeito que se lhe deve e de gratidão, cada vez que um volume, sempre precioso, a sua altissima aptidão lança no mercado.

Não é da indole d'este jornal a biographia extensa, nem o Dr. Theophilo Braga pela sua pujantissima e civilisadora obra pode ser tractado senão em longos capitulos de analyse e de critica.

Isto é pois uma saudação ao mestre pelo seu novo poema «Os doze de Inglaterra» do seu antigo discipulo e amigo. Quanto ao poema n'outro numero faremos d'elle uma resumida analyse.



A natureza, como luctando com receio secreto, prepara lentamente a sua «toilette» de noiva para os grandes concertos de maio.

Punge-nos a saudade das manhãs lavadas pelo ar fresco, córadas por um sol branco, cheias de cantos d'aves, murmuras de regatos e quedas d'agua.

A cidade entristece e cança envolta em choviscos de agua escura, os passeios cheios de lama, a vegetação medrosa dos squares desertos, o ar aborrecido e melancolico dos peões cançados, as toilettes indecizas, sem tom, sem character, das mulheres.

Lembra nos o campo, que é sempre bello, sempre diferente, sempre grande para o olhar do artista.

Entrou comigo a nostalgia dos largos horisontes, dos fortes banhos de ar frio e fresco, e fui-me por ahi fóra, na madrugada de hontem. Atravessei as lezírias inundadas de luz, brilhantes de hervagens orvalhadas, malhadas pelos rebanhos, pelas récuas de cavallos, pelas manadas dos toiros, pastando ao longo dos combros.

O Pedro esperava-me ao portão, rodeiado dos perdigueiros brincalhões, com aquelle ar placido e superior de homem que depois de gastar uma fortuna a acompanhar embaixadores pela Europa, se sentiu invadir do aborrecimento do mundo e vive ha doze annos, só, com os seus livros e jornaes, a caçadeira, a rede da pesca, no velho palacio da quinta, fronteiro ao rio, a meio da encosta, escondido pelos carvalheiros seculares, enlaçado de heras e de trepadeiras floridas. Abraçamo-nos largamente, como dois corações que se entendem.

Como é alegre o grande pateo! e como canta dentro do marmore do tanque, o jorro limpido da agua que repucha da bocca escancarada do satyro, por sob um velho escudo carcomido d'un antigo cavalleiro de Malta.



Almoçamos. Que fresca a manteiga e o leite! que deliciosa a fructa e o vinho, córado ligeiramente, como um ambar desfeito!

Cavalgamos. O sol batia montes e planicies n'uma orgia de luz; cantavam alegremente as azenhas e a passarada nos galhos novamente vestidos das olaias e das amendozeiras floridas. Debruçavam-se pelos muros das herdades os cachos de lilazes brancos, perfumando a estrada, e ouvia-se o cantar das raparigas, nas encostas, projectando sob os cachos mimosos das videiras nuvens doiradas de enxofre.

Um verde tenro tapetava os longos quadrilateros das chãs: evolava-se de toda a parte, do chão e dos pizos, das folhagens novas, dos espelmentos açudes, uma vida nova, cheia de suggestões alegres, de cantares, de risos.

E Lisboa lembrava então, lamacenta, com a mesma fila de mulheres, passando, á mesma hora, pelos mesmos passeios somnolementemente, os mesmos janotas, os mesmos pregões.

E comprehendi bem mais uma vez como um homem se encerra aos quarenta annos, já cançado, n'aquelle meio placido, n'uma vida voluptuosamente espirital, no seio da amante sempre boa e sempre fiel, a natureza!

A' noite, ao apaar-me no caes os primeiros perfumes das ruas lembravam-me que estava n'uma cidade civilisada, distincta, e que o meu pobre amigo, deixava — o philosopho — que lhe branqueiassem de todo, n'aquella choça selvagem, os ultimos cabellos da sua barba á Guise.



O nosso grande refugio é a politica.

Rabisca-se por aqui e por acolá uma novidade, um assumpto palpitante, e infelizmente a ceara foi de tal modo ceifada, que o respigador não acha onde demorar a vista, ou d'onde possa arrancar um ridiculo.

O parlamento esse não: é o *semper vivens* da comedia.

Entra-se n'aquella casa como quem vae a um espectáculo de prestidigitação, ou a uma sessão de fantocheria de Holden.

Como nos cartazes das esquinas, annuncia-se a grande magica da *Discussão de tal e tal assumpto*. Haverá a grande saraivada das imprecações, marchas e contra-marchas, córos, bailados e larchas varias, rematando tudo pelo quadro de grande effeito — a victoria do governo ou o *triumpho da virtude*.

Afinal vae o publico, atrahido, piza-se nas galerias, arregala os olhos ao abrir do espectáculo, e, como n'aquella scena do macaco que mostrava a lanterna magica, não consegue ver coisa alguma que preste.

Os cortejos vestem-se n'uma guarda roupa de ha cincuenta annos; os bailarinos estão estropiados, cheios de carmin e de pastas embelezadoras; os galãs cançados, velhos, tem o gesto estropiado, a voz roufenha, o trejeito comico.



## A COMEDIA PORTUGUEZA

O quadro final é um quadro dissolvente, que apparece ao longe, e ninguém é capaz de fixar.

E rethorica, bombas, trópos, graças, esguichos de sapiencia, tudo vae por agua abaixo. sumido n'uma atmosphera de enjôo, de artificio, que causa dô, replecção, nôjo.

E está explicada, até certo ponto, a razão porque a «comedia parlamentar» foi reforçada com algumas «rubricas» de murros e bofetadas.

Entrou na tradição scenica nacional. Como agora é moda Gil Vicente, como andam a remechar no Judeu, pensou o governo e muito bem, que era preciso condimentar a aborrecida samsaboria das recitas politicas, com chalaças de Esfuziote e partidas de Semicupio.

Isto tem alegrado as galerias e distrahido o paiz.

nos os tremores pelas vossas lutas e o trabalho de andar sempre a recitar intimamente, apprehensivos :

«Vae alta a lua na mansão da morte  
Já meia noite com vagar soou :  
E um deputado com alheio porte  
De buxo aberto, no jazigo entrou!»

Brrr...



Um sapateiro da rua de S. Bento, ao tomar a melida d'umas botas a uma fregueza, ao encontrar-se na posição humilde que o caso requer — joelho em terra e fita em punho — cre-se que allucinado pelo modelo, prorompeu n'aquellas phrases celebres de Tartufo: Como se trabalha bem! fazem-se coisas que parecem bruxaria! A fregueza que pela elevação da fita metrica, desconfiou que elle lhe queria fazer umas botas á Frederico, o que equivalia a metter a em cavallarias altas, gritou pela policia.

O sapateiro foi preso. Este facto prova duas coisas. A primeira é que nenhum sapateiro pôde elevar se, nos arrebatamentos plasticos, á altura do maganão Eduardo de Inglaterra e exclamar perante a policia como o outro perante os convidados — Hony soit qui mal y pense! A segunda é que nenhuma mulher honesta deve descuidadamente, entregar em mãos d'homens, os segredos do seu corpo, sancionando assim esse grosseirismo repugnante, com que entre nós se tolera que uma senhora converse com qualquer farçola de pópas é thesonra na algibeira do peito, sobre medidas e conveniencias de roupas e utensilios de vestuario.

Se um camizeiro se lembrasse ahi de montar um estabelecimento em que mulheres tomassem medidas e fizessem a prova das vestes masculinas, é natural que além do escandalo suscitado, sua ex \* o governador civil se lembrasse de fazer um regulamento para as camizeiras, de harmonia com o que se acha em execução para as «camareras.» Requeria-lhe o pudor, o bom nome nacional perante a raça latina!

Pois bem; dá-se a inversa igualmente escandalosa e immoral, e ninguém repara; todos acham natural e apenas se espantam no dia em que um mestre-bucha, perdida a noção do justo e do bom, que elle nunca ouviu explicar no Curso Superior de Letras, atira para o lado o avental de coiro e pretende fazer que uma pobre e incauta rapariga atire as suas botas velhas por cima dos moinhos. Será bom que os senhores sapateiros tenham sempre de reserva, na loja, umas pedrinhas de gêlo!



Está perfeitamente regulamentada a lei do cuspo, na rua, nos cárros, nos theatros, et cetera.

Não é só n'esses logares que se cospe. A's vezes ha necessidade de cuspir na cara d'um patife.

Pergunta-se: quanto se paga?

Um amigo, ao lado, aventa que nada se deve pagar, por que estas caras devem ser consideradas como escaradores.

Qual é a opinião do ministro?

Em tudo, porém, é preciso calcular o *quantum*, não vá a farça cair na tragedia como se diz que esteve em risco de cair aquella celebre sessão, picaresca semi-biblica (faltou-lhe o Cain) de picaresca memoria.

Porque esteve iminente um duello, segundo parece, entre os luctadores e a chalaça mettia lagrima, se elle se realiza.

Isso pela certa.

Eu, cada vez que penso nos duellos em Portugal, sinto uns calafrios horriveis, na espinha dorsal!

Mas é que decididamente é preciso fazer parar esta onda de sangue, que nos leva anno a anno, os nossos talentos os nossos homens prestantes, politicos, jornalistas, pensadores!

As actas dos duellos gemem desastres sem fim! e então em se abrindo o parlamento, a gente não topa senão com gente vestida de preto!

—Quem é aquella familia de luto?

—E' a do deputado Julião, morto em duello.

—E aquella?

—A do par do reino, Serafim, que um duello prostrou no campo da honra.

—E esta a do jornalista Feijão e est'outra a do homem de letras Chrispim! e é uma nunca acabar de mulheres sem maridos, de irmãs sem irmãos, de filhos sem paes!

Ai!

Os poderes assistem a esta festa de canibaes, a patria, a boa mãe, a este supplicio dos seus filhos, e o mundo a esta apotheose do assassinato á portugueza!

Conhece-se que somos os descendentes dos velhos leões guerreiros: uma phrase menos limpida nos faz arrancar a espada, uma leve insinuação, um piscar d'olho por somenos malicioso, nos atira aos azares da lucta, aos braços gelidos da morte!

Crescem os asyls de orphãos e viuvas, augmentam os cemiterios a despeito dos protestos dos medicos e o decrescimo da população pelas mortes em duello e pela corrente, cada vez maior da emigração, ameaça deixar apenas quatro ou cinco lymphaticos sob o torrão deserto da patria, para acabarem, alfim, como os grillos, por se comerem uns aos o'tros, no ultimo duello, á nuha!

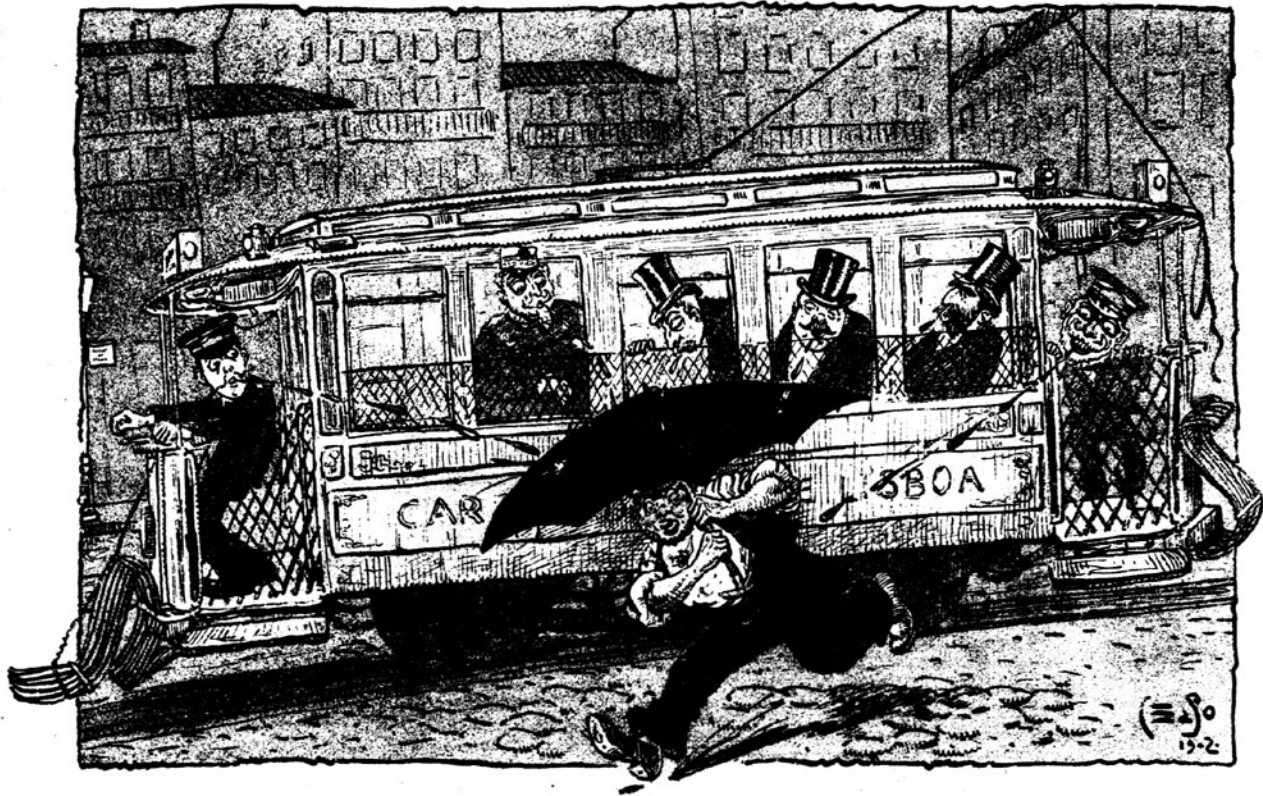
Por nosso bem a ultima pendencia d'honra levantada na camara popular, serenou, sem chegar ás sangrentas exhibições das actas.

Foi assim melhor, a Monarchia não possui campeões de sobra e francamente é preciso serenar a Europa e poupar os nossos necrologios e as nossas lagrimas.

Desde que Marianno perdeu em Bemfica a cabeça do dedo minimo, em fatal recontro, até hoje o novo anno da graça de mil novecentos e dois, que rastro de cadaveres!!!

O' paes da patria, amansaí o pôtro fozgo da rethorica, sêde calmos e prudentes, só assim podereis poupar

CONSEQUENCIAS DA LEI DO CUSPO



Depois de nos arrancar a pelle ainda nos cospem.

# POR ESSES SALÕES



— Em que pensa Margarida?...  
— No estado de alma em que deve ter ficado o primeiro homem que viu o macaco...





CANCIONEIRO ALEGRE

(CASOS DA SEMANA)

Por se passar notas falsas  
Tem-se crime, é-se julgado,  
Passam-se grandes canceiras:  
Eu qu'ria que me dissessem  
Quaes sejam as verdadeiras.

Andam de mais os «electricos»,  
Grita-se, já, na cidade.  
E, corcorda toda a gente:  
Maldicta velocidade!  
Moderem-lhe as correrias,  
Ponham-lhe as mulas á frente!

Tres irmãs da caridade,  
Diz um jornal duplicaram  
N'um convento, com as rezas:  
Não é nova a novidade...  
Já o Beirão d'outros tempos  
Tinha a mesma habilidade.

Um deputado sustenta,  
Com a maior gravidade,  
Que é falso o nosso orçamento  
E vae proval-o. P'ra quê?  
Olha a grande novidade!

Rilhar, significa  
Roer coisa dura;  
E, o nosso emissario,  
No mesmo estribilho  
Assigna, de França,  
E agora da Londres  
Brumosa: Cá rilho.

Se rilha, parece  
Que o grande couvenio  
Foi sécco n'um forno:  
Coitado, em tal cima...  
Melhor lhe seria  
Roesse... na rima!

Se te parelhas manhosas,  
Se te corseis alugados,  
Se te tipoias contendo  
Se te sujeitos fardados...

Parece, á primeira vista.  
Uma charada, afinal,  
Não é mais que um ministerio.  
Entre nós, em Portugal.

D'aqui vem que n'um conselho  
As questões devem de ser duras:  
Homens quatorze... p'ra cima  
De vinte cavalgadas!!!

N. T.



Março

Vê, amada, a primavera  
Que extravagante, que louca!  
Como formosa chimera  
Saida da tua bôcca.

Vamos, sós, pelos caminhos,  
Entre os vallados viçosos,  
Ouvir, á beira dos ninhos  
Os rouxinões amorosos.

Tudo renasce na terra  
Eterna noiva, garrida...  
Assim brotassem, no peito,  
Por força desconhecida,  
Os sonhos, as illusões  
Da primavera da vida!

Definições.

*Sciencia* — Jornal de modas em que as theorias são os figurinos.

*Realismo* — Palavra tola, a que corresponde uma idéa indecente.

*Jejum* — Viagem para o céu com o estomago em lastro.

*Deputado* — O meio termo entre a insignificancia do trombone de philharmonica e a paspalhice rétes de pedreiro livre.

## O Jardim de Epicuro

Annunciam-se, esperam-se, vêem-se já grandes mudanças na sociedade. E o eterno erro do espirito profetico. A instabilidade é, sem duvida, a primeira condicção da vida; tudo o que vive se modifica sem cessar, mas insensivelmente, quasi desaperebidamente.

Todo o progresso, melhor ou peor, é lento e regular. Não houve, não haverá, nunca, mudanças subitas ou repentinas. Todas as transformações economicas se operam com a lentidão das forças naturaes. Boas ou más, as coisas são sempre o que devem ser.

O nosso estado social é o effeito do que o precedeu: como será a causa do que o ha de seguir. Este encadeamento, fixa, por longo tempo, a persistencia do mesmo typo: esta ordem assegura a tranquillidade da vida. Tal facto não basta aos espiritos curiosos de novidade, nem aos corações cheios de piedade. E' a ordem universal, é preciso acatal-a absolutamente.

Tenhamos o zelo do coração e as illusões necessarias; trabalhemos no que julgamos util e bom, mas sem esperança n'um bom exito, util e maravilhoso, nem confiados n'um milagre social: todos os opocalypses deslumbram e desiludem. Não esperemos o milagre. Resignemo-nos a preparar com a nossa imperceptivel parte, o futuro melhor ou peor, que não havemos de ver.

O encanto que mais toca as almas é o do mysterio. Não ha belleza sem véu, e o que mais preferimos é o do desconhecido. A existencia seria intoleravel sem o sonho. O que a vida tem de melhor é a ideia que ella nos dá de que alguma coisa existe fóra d'ella. O real serve nos para fabricar-mos, bem ou mal, um pouco de ideal. E talvez esta a sua maior utilidade.

A. FRANCE.



## Virgem das Virgens

Senhora, eis-me a teus pés: á tua santidade  
O meu corpo mortal, esta cabeça inclino:  
Senhora, mãe de Deus e mãe da humanidade,  
Repoisa sobre mim o teu olhar divino!

Peregrino do amôr, caçado peregrino,  
Ao findar a jornada, exausto da saude.  
Só posso repoisar na eterna castidade  
Do teu virginio collo, amante, cristalino!

Só n'ella pôde achar minh'alma insaciada  
Aquella eterna paz—que deve dar a morte—  
Temida tanta vez e tanta vez amada!

Só n'ella, o eterno amôr, a eterna claridade...  
Estrella da manhã, illumina o meu norte:  
Senhora, mãe de Deus e mãe da humanidade.

Est.



## D. Amélia. Blanchette.

Uma rapariga filha d'uns taberneiros, educa-se em Paris e ao voltar para casa dos pais, de tal modo briga a sua educação com os sentimentos paternos, que tem de sahir de casa, expulsa por um viver intimo, que se tornára um inferno.

Sahe, mas ainda mais provada pelos sentimentos vilisimos de toda a gente com quem é obrigada a conviver — fallo dos homens — resolve-se a voltar de novo para a casa que o pai lhe prohibira de entrar mais, e dar emfim a mão de esposa a um honrado e bom rapaz, que a principio regeitára para noivo.

A peça que é magnificamente conduzida no 1.º acto, desce no segundo e cabe n'uma banalidade falsa, no ultimo acto.

Dizem que não acabava assim a peça; mas que o auctor a modificou para evitar a crueldade do desfecho logico mas repugnante.

Creio bem que assim seja; o sr. Brieux é um ousado e o seu terceiro acto da Blanchette é uma transigencia com o classicismo, com a moral e com o publico.

E' illogico, repito, o desfecho e sendo possivel de darse, como tudo n'este mundo, tem o grave senão de falsear a influencia do meio e talvez o caracter da protagonista.

O volta é brusca para o desfecho e é possivel que preenchido o hiato, com a vida de Blanchette em Paris, ou em qualquer casa para onde vai ao sahir da dos pais, nos não ferisse tão de chofre a solução, animadora e idilica.

Senão é este que largamente o auctor resgata, pelas bellezas de observação e naturalidade de vida de que a peça é cheia.

Quanto ao desempenho, é primoroso por parte de Lucinda Simões que tem phrases admiravelmente ditas.

A consumada actriz marca sempre todos os papeis com o sineo do seu alto talento.

Lucilia continúa a sua gloriosa ascensão. O papel de Blanchette, aliás o primeiro papel da peça, não dá margem a grandes vôos, nem exige superiores facultades de interpetração. Lucilia fal-o todo com uma nitida e completa comprehensão, e ainda com aquelle amor que ella dá a todos os trabalhos, que assim apparecem envoltos n'uma intensidade de côr e de vida, d'um preciso e caracteristico valor. Dar vida humana ás personagens, eis o segredo, o valor d'um actor, d'um verdadeiro artista, do que ella é.

Sobresahe, ainda e muito, Christiano no papel de taberneiro. E', com certeza, o mais bem sustentado papel que tem feito; com sobrios e verdadeiros detalhes, boa caracterização, dicção verdadeira, bom gesto e clara comprehensão. Felicito-o.

Todos os outros interpretes, bem.



POR ESSES CAMPOS.



SEIS PESSOAS DE FAMILIA... CRESCE E APPARECE.





REVISTA SEMANAL DE Critica, Politica,  
ARTES LETRAS e COSTUMES.  
DIRECTOR—MARCELLINO MESQVITA

I PUBLICA-SE AS SEGUNDAS FEIRAS :

Editor Antonio da Fonseca e Sousa      Redacção e Administração T. da Boa-Hora, 39, 1.<sup>o</sup>      Composição e Impressão Lithographia Artistica, Rua do Almada, 33

ASSIGNATURAS (PAGAMENTO ADIANTADO)

Estrangeiro Anno (52 numeros) . . . . . 15000 réis	Lisboa, provincias e Africa Portuguesa Anno (52 numeros) . . . . . 12000 réis
Brazil Anno (52 numeros) . . . . . 9000 réis	Semestre (26 numeros) . . . . . 6500 réis
Cobrança pelo correio . . . . . 100 réis	

Toda a correspondencia dirigida á Redacção e Administração deve ser enviada para a Travessa da Boa-Hora, 39-1.<sup>o</sup>



CUSTODIO JOSÉ DE MELLO

Custodio José de Mello

O contra almirante Custodio José de Mello foi um dos mais valentes marinheiros da armada brasileira. São legendarias as suas proezas a bordo do *Aquidaban* se bem nos lembra, durante a revolução.

Morreu deixando pelas suas qualidades de caracter e de valentia uma saudade profunda em conhecidos, collegas, amigos portuguezes e brazileiros.



(CASOS E COISAS)

A censura de que a linguagem que por vezes se usa com os homens publicos, no nosso paiz, pécca muito vulgarmente por uma certa liberdade rude e não em extremo delicada ou attentiosa, é, tem de confessar-se, justa.

Se não, em absoluto, relativamente, a accusação tem um fundo de verdade que é impossivel negar. A censura é justa mas deslocada; não deve fazer-se aos que escrevem, mas aos que governam e mandam: é d'elles que vem a provocação, a insolencia, a arbitrariedade, a falta de respeito, pelos usos, pelas leis, pelos costumes. Quem não usa de respeito para com os outros, não pode exigir que lh'o tenham.

A resposta, é da logica, ser do mesmo caso que a pergunta e assim um homem que me injuria por capricho ou indole não deve esperar da minha penna senão uma injuria maior.

*Abyssus abyssum invocat.*

Na nossa terra, de ha tempos para cá, os homens que escrevem são tratados — os amigos á parte — como typos sem auctoridade e sem cotação de especie alguma: mercenarios a quem a necessidade da vida obriga a escrever; escribas a quem tem de se regular o pensamento e a escripta.

Em todas as classes ha Lazaros, na imprensa, como na litteratura; mas em todas ha homens, dignos, illustrados, convictos e honestos.

Atirar para o seio d'uma collectividade onde se não pense como nós, e só por esse crime, perseguições e castigos, comprometter interesses justos, perseguir, torturar, e esperar depois considerações e respeito, é exigir muito da physiologia cerebral, onde as idéas são logicamente — determinando as acções — as consequencias das impressões recebidas.

Coisa nenhuma se respeita entre nós, desde que á dança judenga que se chama politica, lhe apraz intervir: ninguém vale, ninguém se impõe, por qualquer qualidade que seja, á vontade de qualquer bacharello que entrou nas baías da pasta, quer dizer que occupa qualquer

logar administrativo, d'essa via profana do capitolio ministerial.

Ninguém vale: e contra direitos sancconados pela lei, oppõe-se, terminantemente, definitivamente a força.

E' a estes reles serventuarios d'uma ambição, a estes creados sabujos dos partidos onde se enfileiram, a estes miserimos homens, sem brio pessoal, sem cabeça e sem vontade propria, servis para os de cima, e ousados com os de baixo, eunuchos da intelligencia, decapitados moraes, que exigem que o ataque se faça em linguagem cheia de rofêgos rethoricos, de galas, de primôres, de galanteria?

Seria uma injustiça. A grandeza da lucta, a qualidade da arma, depende do adversario que se tem de combater, e a ninguém é permitido, sequer, ser de um lymphatismo tão puro que lhe não façam mossa as injurias, as prepotencias e os insultos alheios.

Nunca ninguém combateu lobos com troncos floridos de amendoeira; nem destruiu o effeito venenoso das picadas das viboras com assucar candy, ou com mel do Hymeto. Nunca se castigaram scelerados a facinoras e a Tokay.

O vicio, o mal, vem dos que operam e não dos que combatem: se a delicadeza fosse a norma absoluta e inalteravel na vida não havia razão para existirem as biquetras das botas e as pitas dos chicotes.

Entenda-se.



—Um professor da Escola Medica do Porto exhibe deante do Bispo Barroso experiencias varias de hypnotismo. Sua excellencia entre desconfiado e attonito exclama, á saida, segundo contam: E' extraordinario! E' maravilhoso!

Confrange, esta phrase, n'um pastor d'almas. N'um pastor de ovelhas ou de cabras, não era para admirar. Coitado, que pode elle saber da alma ou do corpo humano, visto que é tudo a mesma coisa?

N'um bispo, repito, a phrase confrange; porque se esta á vér um pastor, pastoreando coisas de que não fez a mais simples idéa.

Sim, porque para este bispo, essas coisas que elle pastoreia, que vivem nos nossos corpos, que ninguém viu nem sentiu, são ainda as metaphisicas almas, feitas de coisa nenhuma, intangiveis, eternas, incomprehenisiveis, inventadas pelos cerebros primitivos, nas primeiras edades da Terra.

A alma moderna, quero dizer, a alma que existe, que se estuda hoje, a alma feita de materia que cria, cujas funcções se distribuem e localizam pelo cerebro; a alma que um analista, um medico — como sua excellencia viu — obriga a deformar-se e a mutilar-se, a perder as faculda-

des classicas e a possuir outras que não estão nos cathemismos, nem nos compendios sarnosos de philosophia bolorenta, essa não a comprehende sua excellencia, não a conhece, nunca lhe foi apresentada.

E eis aqui o horror do facto.

A manhã, uma creança chega junto a sua excellencia e vem dizer-lhe que quer abandonar o pae e a mãe.

—Porquê? indaga sua excellencia.

—Porque Deus me chama, responde-lhe a pobre creatura.

E, sua excellencia, constata que é sincera essa confissão, exaltado esse amor pelo divino, esse desejo de deixar o mundo e de apunhalar os corações dos que amam essa mulher.

E como não sabe, não faz a menor idéa do que é um nervo, no systema nervoso, uma criatura mettida na engrenagem pavorosa das nevroses, sua excellencia, na boa fé da sua ignorancia, vae proteger a vontade d'essa mulher e lutar, e lutar, por ella, contra os mais santos affectos, os mais sagrados direitos da paternidade.

Vae protegê-la, vae amparar-a, guiar-a, e imaginando servil-a, não faz mais do que perdê-la. Para a victoria da sua idéa, da sua falsa crença, do que imagina ser uma revelação do seu Deus, sua excellencia porá o seu nome, a sua auctoridade, a sua mitra!

Ora acontece que essa pobre creatura não é senão uma doente e que arranca-a aos braços dos que a geraram é um crime que revoltando a natureza, devia repugnar a Deus, se elle se mettesse n'estas coisas.

E, como não mette, n'este nem n'outros factos em que a ignorancia dos pastores d'almas, tem tantas vezes de legislar, imagine-se a série miseranda de soffrimentos e de injustiças que não de resultar da intervenção de tão improprias direcções em materia de tanta magnitudem com a vida intima dos seres.

Graciosamente um jornal conta que o professor fizera as experiencias, para mostrar ao bondoso bispo — e lhe disse — como se fazem milagres.

Não; o professor não o disse. Nem precisava dizê-lo. Se o bispo é medianamente intelligente, elle comprehendeu o alcance das experiencias e teve na sua qualidade de padre catholico, uma das mais horrorosas noites da sua vida; a noite da hesitação e da duvida! Porque na sua cabeça havia de formular-se sob todas as formulas aquella pergunta cruel? Que alma é esta, emanação de Deus, que um misero mortal, domina, manda, estrophia, opprime, eleva, abate e extermina a seu bello prazer? Que alma é pois a antiga, intangivel, incorporea, imponderavel? Qual d'ellas é a verdadeira?

Era que inventaram os primeiros animaes que pensaram, na sua rudeza selvagem e ignorancia absoluta do mundo e das coisas, ou esta que vem definindo-se pouco a pouco, no estudo de seculos, nas buscas e experiencias ininterruptas dos homens de sciencia?

Mas se esta é a alma, afinal; a unica em que se pode crêr, em que se deve crêr, Senhor, onde vão parar então theologias, felichismos, religiões? que sou eu e que papel faço de conductor e pastor de almas que não existem, de representante de velhas e ridiculas superstições, de antigos erros e de carunchosas mythologias?

Ai, se o bispo é intelligente, elle deve ter passado uma pessima noite, a noite da hesitação e da duvida!  
Que Deus lhe accuda.



## Definições.

**Povo** — Bucéfalo que quasi sempre não passa de rocinate.

**Cruz** — Uma cousa que se pôz ás costas de Christo, e que se põe ao peito de muitos larapios.

**Felicidade** — A sombra de um anjo a apontar-nos para a sombra de um paraíso.

**Cardo** — Planta de folhas espinhosas, que os burros não de cantar, para vergonha dos poetas lyricos.

**Diccionario** — Apontado de palavras, muitas vezes antes de ir à lavadeira.

**Patriota** — Homem que leva o pendão da patria, com guias, mas sem borlas.

**Suspiro** — Entre namorados é o ultimo tiro de socorro.

**Receita** — Confiscação de bens, quando não é sentença de morte.

**Homem** — Um engeitado do macaco, de que Darwin se fez padrinho.

**Ris** — Atributo exclusivo do homem, que consiste em mostrar os dentes, como os animaes quando mordem.

CALIBAN.



Em Trieste, os jornalistas fizeram uma greve geral, protestando contra o facto de ter sido assaltada pela policia a redacção de um jornal.

Isto é em Trieste. Em Portugal, em Lisboa, quando se dá — como é costume — um caso d'estes, os não assaltados ficam contentissimos.

Pudéra! E' um collega a menos na lucha da venda; e um motivo a mais para se venderem, aos curiosos, uns numeros dos não supprimidos. Aquillo, por Trieste, vae muito atrazado.

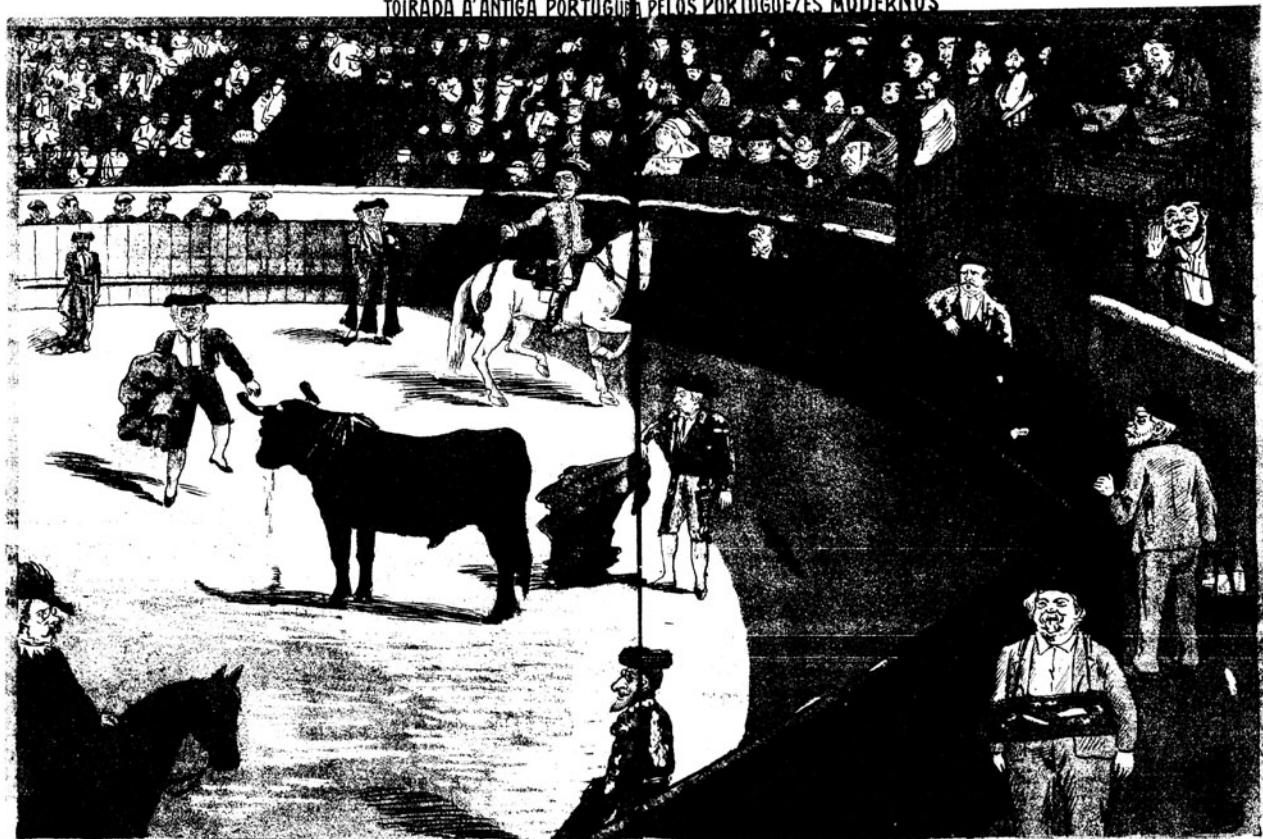


## Epigramma

O matadouro, p'los modos  
Das Picóas deixa a lide,  
—Porquê?—os microbios todos  
Acharam grandes engodos  
Em passear em Carnide.



TOIRADA A' ANTIGA PORTUGUEZA PELOS PORTUGUEZES MODERNOS



O INTELIGENTE TOGA PRA RECOLHER O BOI NÃO DÁ MAIS NADA... TEM PERDIDO MUITO SANGUE.  
O CORNETA AINDA AGUENTA UNS PARES... É DE BÓIA RAÇA.



CANCIONEIRO ALEGRE

(CASOS DA SEMANA)

Um novo medico, Faia,  
Defende these: «Os Covaes.»  
Collega, lá me parece  
Que em principio de carreira  
Sois arrojado de mais.

Tem chovido, no paiz.  
Pó amarello. O Lacerda  
Disse me ha dias: não sabes  
Que pó é? E' pó de... giz.

O giz é branco, Lacerda,  
O pó é loiro-trigueiro . . .  
E' giz. menino. é cheiral-o:  
Ninguem se engana p'lo cheiro.

O fero inglez  
Faz tudo em pó:  
Não deixa vivo  
Um boer, só.

Em cada mez  
Mil mata e provz;  
E, em cada mez,  
Leva uma sova.

São como os ralos  
Do Alemtejo;  
E multiplicam  
De modo que  
Quantos mais matam  
Mais boers ficam.

Andam cortando o arvoredo  
No Campo Grande! Que asneira  
Com que o paiz se desdoira,  
Segundo todos os criticos!

.....  
Mas ha falta de madeira?  
Vão fazer a mangedoira  
Dos aflihados politicos!

\* \* \*  
O Etna desce; o Hintze  
Eleva-se. Aos poucos,  
Caminham um e outro...  
Não se percebe, entanto,  
Que um suba e outro desça  
Sendo ambos elles... óccos!

N. T.



N'uma recepção que de certo haveis de ter visto, o meus irmãos, feita a frei José, o egregio patriarcha olisiponense, na modesta aldeia da Azoia, a musa popular, sempre solícita em contar os casos que as gerações futuras hão necessidade de gravar no marmore das suas historias, não deixou passar a visita redemptora sem registro.

E, como essa primitiva e pura musa, tem na sua forma e modo de sêr um fundosinho de ironia e de malevolencia critica, da liberdade de expressão, que a escola não veio ainda prejudicar, os versos pulares que tive occasião de ouvir, tem um sabor de aldeia, um pitoresco entre gracioso e acre.

D'um rapaz de barrete encarnado:

D'entro d'aquelle jazigo  
'Steve Alexandre Herculano  
O sabão foi p'ra Lisboa  
Frei José vae p'ró guano.

D'uma rapariga morena:

Frei José prêga no adro  
Ninguem o ouve; nem eu:  
Ha vozes de pregadôros  
Que nunca chegam ao céu!

De um rapagão de chapéu molle, que me pareceu ter andado por Coimbra:

Frei José que é que tu prêgas!  
Frei José que prêgas, tu?  
Frei José se nada prêgas  
Prega-me as ventas...

Não ouvi o resto, por causa das gargalhadas das mulheres e o barulho de rapazio com latas e pifanos de canna.

A visita foi verdadeiramente uma alleluia.

## Jardim de Epicuro

A tristeza philosophica por vezes se tem revelado em expressões de uma sombria magnificencia.

Como os crentes chegados a um alto grau de belleza moral, gozam as alegrias do renunciamento, o sabio persuadido de que tudo, em redor de nós, não é senão apparencia e engano, embriaga-se com esta melancolia philosophica e esquece-se nas delicias d'um desespero calmo. Dór profunda e bella de tal sorte que os que a sentiram, não a trocariam pelas alegrias frivolas e pelas vãs esperanças do vulgar. E, os contradictores que, não obstante a belleza esthetica d'estes pensamentos, os acharem funestos aos homens e ás nações, suspenderão, talvez, o seu anathema quando se lhe mostrar a doutrina da illusão universal e o correr das coisas nascendo na idade d'ouro da philosophia grega com Xenofonte e perpetuando-se atravez da humanidade nos mais allos, nas mais serenas e nas mais dóces intelligencias de um Democrito, de um Epicuro, de um Gassendi.

Conheço uma menina de dez annos mais sabia do que os sabios. Dizia-me ha pouco: vê-se nos livros o que não se pode vêr na realidade, porque o que elles dizem ou vem muito longe ou já passou.

O que se vê nos livros vê-se mal e tristemente. As creanças não devem ler; ha tantas coisas boas para vêr. os lagos, as montanhas, os rios, as cidades e os campos, o mar e os navios, o ceu e as estrellas!

Concordo plenamente. Temos uma hora a viver para que quer saber tantas coisas? Para que aprender tanto, se não sabemos nem saberemos coisa alguma? Vivemos de mais nos livros e de menos na natureza; a assemelhamo-nos áquelle abstracto Plinio o Moço, que estudava um oradór grego, sem vêr que a seu lado o Vesuvio sepultava em cinzas, cinco cidades.

A. FRANCE.



## Concurso

A Comedia Portugueza offerece, com a maior lealdade, a todos os novos, as suas columnas. Prosa, versos, desenhos, toda a collaboração artistica ou litteraria cujo valor seja reconhecido, será aceita n'esta redacção e publicada. No momento em que o juizo do publico valoriss qualquer producção essa será paga em harmonia com a dos collaboradores actuaes do semanario.

Pede-se o favor de notar a índole do jornal, e adoptar portanto as producções ao seu modo de pensar e de dizer d'elle.

Julgamos prestar um serviço, facilitando o apparecimento de aptidões e remunerando-as. Os originaes que se não publiquem ficam propriedade da redacção.



## A lei da cuspinheira

Vou cantar os barões assignaldos,  
Que em mal cheirosa praia luzitana  
Estudaram systemas sublimados,  
P'ra mandar os microbios ao Pantana:  
Além d'esses espaços estrellados  
Vou guindal-os em rima sobrehumana  
Pois que o nome p'los orbes espalharam  
Na lei da cuspinheira que inventaram.

Cessem do sabio grego e do troyanno  
Os inventos famosos que fizeram,  
Cale-se a descoberta do guano  
Que aos nossos trigos augmentar souberam:  
Ninguem pense em limpar sequer um canno  
Dos que os despejos entupir quizeram...  
Cessa tudo que a musa antiga canta,  
Que a nova descoberta assarapanta!

Agora tu, Calliope, me ensina,  
Deixando-te de chascos e remoqueos,  
Como foi inventada a lei divina  
Por artes de herliques e berloques:  
Deixem que cheire mal qualquer latrina,  
Porque tem mais poder do que os estoques  
P'ra matar os microbios immensos...  
A lei de só cuspir dentro dos leucost!

Um, que atacado fôr de catarrheira,  
Se tiver esquecido o lenço em casa,  
Como puder engula a cuspinheira  
Quando não vêm a lei que logo o arraza:  
Lei, que se fôr tysicsa a algibeira,  
Com tysicsa maior a põe à raza...  
Mas isso pouco importa, pois se prova  
Que triumpha um systema d'arte nova.

Dona Tuberculose anda assustada,  
Pois já sabe que vae dizer das bogas:  
Depois do que uns doutores, na prumada,  
Decidiram nas sabias synagogas:  
Ares do campo já não valem nada,  
Não valem nada da botica as drogas...  
Dês que a lei ferra logo uma desanda  
Em quem não fôr cuspir onde ella manda.

Quem andar co'as torturas d'um pigarro,  
Quem se achar com a gripe atarantado,  
Quem tossir com o fumo do cigarro,  
Deve andar por Lisboa acutelado:  
Deve trazer um pucaro de barro...  
E, quando o precisar ver despejado,  
Perguntar a um policia, apenas visto:  
—Onde é que manda a lei ir vazar isto?

VENANCIO





# NA RUA



Cinco tosões!!! Oh! sr.<sup>a</sup> Condessa permita-me que a abrace.